

Correio das Artes

ANO
LXXVI

Nº
9



R\$ 15,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 15,00.

FEST ARUANDA invade a praia

Na sua 20ª edição, festival audiovisual paraibano tem programação gratuita nas salas de cinema e na orla de João Pessoa

Suplemento
literário
do Jornal A União
Novembro
2025

**NOTÍCIA COM FONTE,
FATO COM PROVA,
INFORMAÇÃO COM
CREDIBILIDADE.**

**CORREIO DAS ARTES
COM REGULARIDADE.**

marketing epc/foto: leonardo ariel



A UNIÃO



Ano CXXXII Número 033 | R\$ 3,00



João Pessoa, Paraíba - QUARTA-FEIRA, 12 de março de 2025
Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

CONEXÃO EUROPA

Potencial econômico da Paraíba é apresentado para 150 países

do Fórum de Turismo que está sendo realizado em Lisboa. Página

Presidente da

**ASSINE O JORNAL A UNIÃO E RECEBA
MENSALMENTE O MELHOR SUPLEMENTO
LITERÁRIO DA PARAÍBA.**

83 99117-7042

Tradicional festival audiovisual da Paraíba, o Fest Aruanda está (a)colhendo as novas produções locais de longas-metragens primaveris, como também está esquentando com o pé (descalço) no chão das areias da orla pessoense, com direito a exibições e a atrações musicais praianas, ao nível do mar.

Celebrando a sua 20ª edição, que acontecerá entre os dias 3 e 10 de dezembro, o evento não vai se restringir apenas às salas de cinema: emoldurando a praia de Tambaú, um dos cartões-postais da capital paraibana, o projetor vai lançar luz ao ar livre, como um imenso *drive-in* à beira-mar, evidenciando também o lado turístico da cidade.

Isso lembra outro festival nordestino: em Canoa Quebrada, no Ceará, o Curta Canoa (hoje, na sua 15ª edição) ganhou notoriedade por exibir filmes nas velas de barcos ancorados. Uma ponte entre o audiovisual, a natureza e o público, que não é necessariamente “cinéfilo”, mas que pode democraticamente apreciar uma boa produção brasileira – tudo isso de forma gratuita, vale frisar.

Com lançamentos literários sobre a Sétima Arte, painéis, debates, sessões, apresentações musicais e oficinas, não podemos deixar de lembrar os grandes homenageados da edição: desde os que nos deixaram e estão vivos pelos seus legados – como Silvio Tendler e Jean-Claude Bernardet –, passando pelo quase centenário Geraldo Vandré e chegando em mulheres fortes, como a “madrinha” do Fest Aruanda, a incansável Maria do Rosário Caetano, e a deputada federal Jandira Feghali, com o seu foco voltado para a luta de melhorias para o audiovisual.

Entre outros destaques da edição, uma visão íntima de Cuba no ensaio fotográfico e uma entrevista exclusiva com Antonio Arruda, roteirista da série “Cidade Invisível” (Netflix).

CRÍTICA 22

Anna Muylaert e a maternidade sensível e incondicional em seu filme mais recente

8ª FLIC 26

Escrevivência foi um dos grandes temas da Feira Literária Internacional de Campina Grande

SOY CUBA 30

No ensaio fotográfico, Rizenberg Felipe mostra o contraste vivo de Havana e a sombra do Tio Sam

MÚSICA 44

Obra de Chico César é analisada no livro “O Sertão e o mundo nas margens do alguidar”, de Jon Moreira

ANÁLISE 46

Reflexões sobre o microconto por meio da coletânea “Microcosmos ficcionais”, de Flávio Barros

EXCLUSIVO 52

Entrevista com o roteirista da série “Cidade Invisível”, Antonio Arruda, que faz a sua estreia literária



SECRETARIA DE ESTADO DA
COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio
das Artes

Audaci Junior
Editor do Correio das Artes

Débora Borges
Diagramação

Bruno Chiossi
Arte da capa

Tônio, Chiossi e Débora Borges
Ilustrações

Esmejoano Lincol
Revisão textual

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fest Aruanda: o cinema paraibano furando bolhas...

Na sua 20ª edição, entre os dias 3 e 10 de dezembro, festival segue o processo de descentralização e conta com exibições de filmes e apresentações musicais gratuitas na orla de João Pessoa

Jãmarrí Nogueira

Especial para o Correio das Artes





Ilustração: Bruno Chiossi

Viver pode não ser preciso... mas navegar é...! E nos últimos 20 anos, o Fest Aruanda singrou de maneira precisa ao furar muitas e muitas bolhas, levando o audiovisual local a diversos locais da Paraíba e do exterior. Ações do projeto Aruandando chegaram a municípios do interior de nosso estado e também aos Estados Unidos.

Essa percepção de que é preciso furar bolhas e atingir diferentes públicos fez com que a organização do Fest Aruanda idealizasse o

projeto Aruanda Praia, um dos diferenciais da vigésima edição, que acontece gratuitamente entre os dias 3 e 10 de dezembro. O evento dentro da programação do festival acontece no Busto de Tamandaré, na orla de João Pessoa (com exibição de filmes como *Ary* — com a presença do diretor André Weller — e shows musicais).

Os homenageados do Aruanda Praia são os cantores Raul Seixas e Sidney Magal. Assim, nos dois dias de evento — na praia de

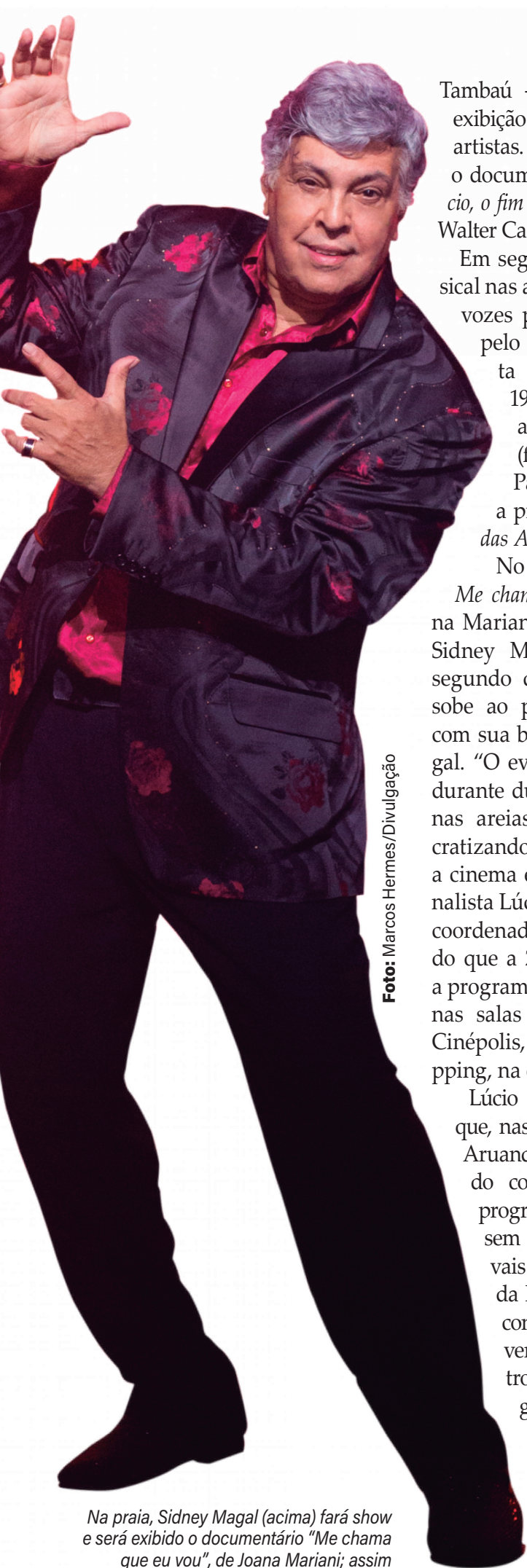


Foto: Marcos Hermes/Divulgação

Na praia, Sidney Magal (acima) fará show e será exibido o documentário "Me chama que eu vou", de Joana Mariani; assim como "Ary", de André Weller, longa sobre a vida e obra de Ary Barroso (ao lado)

Tambaú — está programada a exibição de filmes sobre esses artistas. No dia 4 de dezembro, o documentário *Raul — O início, o fim e o meio*, do paraibano Walter Carvalho.

Em seguida, um tributo musical nas areias da praia, com as vozes paraibanas passeando pelo repertório do artista baiano, falecido em 1989. Fechando a noite, as DJs Vivian Seixas (filha de Raul Seixas) e Paula Chalup, animam a praia com o show *Rock das Aranhas Live*.

No dia 5, o evento traz *Me chama que eu vou*, de Joana Mariani, filme sobre o astro Sidney Magal. Fechando esse segundo dia, o próprio Magal sobe ao palco para um show com sua banda: O Baile do Magal. "O evento sai do shopping durante duas noites e se instala nas areias de Tambaú, democratizando ainda mais o acesso a cinema e música", disse o jornalista Lúcio Vilar, idealizador e coordenador do festival, frisando que a 20ª edição segue com a programação gratuita também nas salas de cinema da Rede Cinépolis, no Manaíra Shopping, na capital paraibana.

Lúcio Vilar destaca ainda que, nas duas décadas do Fest Aruanda, o público está sendo contemplado com uma programação diferenciada e sem precedentes nos festivais do Nordeste. O Aruanda Praia é uma realização conjunta de órgãos do Governo da Paraíba com patrocínio do Grupo Energisa através do ICMS Cultural (Programas de Incentivo Fiscal da Secretaria de Estado da Cultura).

Tem copatrocínio da Companhia de Água e Esgotos da

Paraíba (Cagepa), Companhia Paraibana de Gás (PBGás) e Armazém Paraíba via Lei de Incentivo Fiscal do Governo Federal e da Secretaria do Audiovisual e do Ministério da Cultura SAV/MinC. A chancela é da reitoria e do CCHLA-UFPB pela produtora Bolandeira Arte & Films.

O governador João Azevêdo destacou a importância do Fest Aruanda e lembrou que o Governo do Estado tem investido bastante na área audiovisual. "Investimos valores que vão de R\$ 80 milhões a R\$ 90 milhões todos os anos. E levar o cinema para um espaço aberto faz uma diferença muito grande", comentou o gestor.

Para o secretário de Estado da Cultura, Pedro Santos, unir cinema e música na praia é uma iniciativa pioneira e ousada. "O encontro de cinema e música em celebração aos 20 anos do festival é algo extraordinário no cenário artístico-cultural da Paraíba. O Governo do Estado reconhece a potência do Fest Aruanda", ressaltou Santos.



Foto: Reprodução/Arquivo Nacional

Ateliers Varan e o cinema paraibano

No comecinho da década de 1980, jovens amantes do cinema da cena audiovisual paraibana atravessaram o Atlântico e foram aprender mais sobre a Sétima Arte em uma grande formação na França. Bertrand Lira, Marcus Vilar e Torquato Joel tinham muitas ideias: colocaram câmeras nas mãos e filmes na tela! Outros nomes, como Henrique Magalhães, Pedro Nunes, João de Lima, Elisa Cabral, Maria Antônia Pereira Ágape e Vânia Perazzo, também participaram da experiência em outras ocasiões.

Tudo isso foi possível graças a um convênio firmado entre o Ateliers Varan e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Essa parceria — que fortaleceu a produção cinematográfica na Paraíba e permitiu a criação do Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc-UFPB) — ocorreu na primeira metade dos anos de 1980 (período final da Ditadura Militar no Brasil), com filmes sobre desigualdade social, movimentos populares, sexualidade e a resistência cultural.

Mais de 40 anos depois, a parceria se repete. A novidade é que os filmes agora produzidos por Mariana Silveira (*Paris, Gaza*), Bruno Soares (*Saint Germain, 40 degrés*), Caetano Moura (*A Alma do Onze*), Mayara Valentim (*Pour Le Corps, La Lutte*), Mikaeli Santos (*A Receita da Felicidade*) serão exibidos no 20º Fest Aruanda.

O edital de seleção, iniciativa do Governo da Paraíba por meio da Secretaria de Estado da

Cultura (Secult-PB), com apoio do Minc, selecionou cinco realizadores audiovisuais paraibanos, que participaram de uma residência imersiva no Ateliers Varan, em Paris-França, entre maio e junho de 2025. Uma imersão de oito semanas.

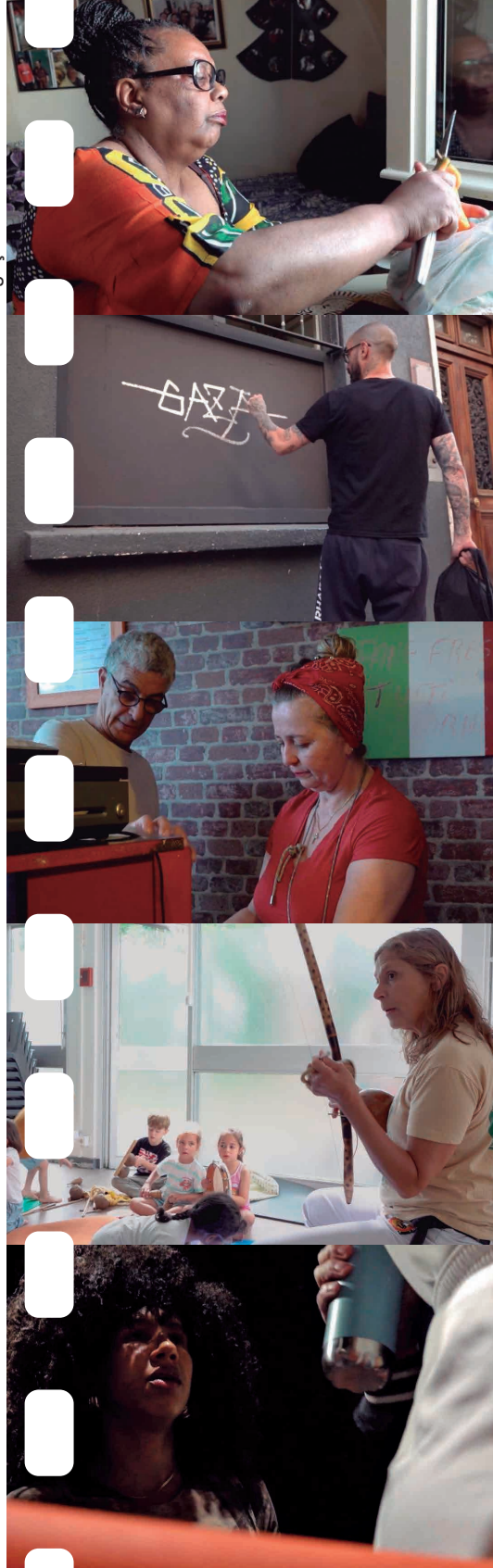
Para Caetano Moura, do município de Poço de José de Moura, no Sertão da Paraíba, o desafio é conectar tudo o que vem aprendendo de técnicas cinematográficas com a sua própria história de vida. Já Mayara Valentim destacou a “abordagem completamente diferente” que o curso do Ateliers Varan oferece e as oportunidades que isso cria para o seu modo de fazer cinema.

Empolgada com a experiência, Mikaeli Santos disse que não se vê fazendo outra coisa que não seja cinema nos próximos quarenta anos... Ela afirmou que deseja criar oportunidades para as pessoas do futuro e que essas pessoas tenham a mesma oportunidade que ela e o grupo de cineastas tiveram com esse intercâmbio.

Pedro Santos, secretário de Estado da Cultura da Paraíba e um dos responsáveis pela parceria com a instituição de cinema francês, comemora as conexões que são criadas a partir desses intercâmbios e também o fato de que o envio de paraibanos para cursos no Ateliers Varan volte a acontecer tantos anos depois.

Nos anos 1980, a parceria foi firmada pelo avó do secretário de Estado da Cultura da Paraíba, que também tem o mesmo nome: o maestro Pedro Santos. “Aquela experiência deixou sementes que são lembradas agora. Para nós, é muito simbólico esse momento. Dar continuidade a um projeto iniciado 40 anos atrás”, destacou Pedro Santos, o neto.

Fotos: Divulgação/Fest Aruanda



De cima para baixo: cenas das produções “Saint Germain, 40 degrés”, “Paris, Gaza”, “A Receita da Felicidade”, “Pour Le Corps, La Lutte” e “A Alma do Onze”

Jãmarrí Nogueira atua como jornalista há 30 anos. É crítico de cinema na Band News Manaíra e tem o blog ‘Clape Clape Clape’, além de apresentar o programa ‘Espaço Cultural’ (Tabajara FM). É cerimonialista do Fest Aruanda.

A “primavera do cinema da Paraíba” outra vez

Bertrand Lira

Especial para o Correio das Artes

Em 2018, na ocasião do 13º Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro, surpreso com a quantidade de longas-metragens paraibanos estreando no festival, o crítico e historiador de cinema Luiz Zanin Oricchio usou a designação “a primavera do cinema paraibano” para caracterizar o momento profícuo do nosso cinema com cinco

filmes na Mostra Competitiva “Sob o Céu Nordestino”. Sua matéria para o *Estadão* repercutiu no meio cinematográfico brasileiro que mirou suas lentes para a produção de cinema do estado.

Sete anos depois, o 20º Fest Aruanda reúne quatro longas paraibanos na mesma mostra dedicada ao cinema nordestino e um quinto (*Corpo da Paz*, de Torquato Joel) na Mostra Competitiva de Longas Nacional. Excepcionalmente, neste ano, a Mostra “Sob o Céu Nordestino” reunirá somente produções locais. Com esse feito, teremos uma reedição da “primavera do cinema paraibano”, o que marca um momento especial das atividades cinematográficas na Paraíba.

Na primeira “primavera” tínhamos os longas *Sol Alegria*, de Tavinho Teixeira; *O Seu Amor de Volta (Mesmo que ele não Queira)*, de Bertrand Lira; *Beijo de Estrada*, de Eliézer Rolim; *Rebento*, de André Moraes; *Ambiente Familiar*, de Torquato Joel; e *Estrangeiro*, de Edson Lemos Akatoy. Zanin naquele ano escreveu: “Tal safra não configura, possivelmente, movimento clássico, uma poética estabelecida em cima de regras e posturas, mas sim um desses círculos virtuosos ocasionais, beneficiados pela soma de uma política de incentivo inteligente com a presença de talentos individuais”.

Desta vez, voltam à Mostra “Sob o Céu Nordestino” An-



dré Moraes (*Malaika*) e Tavinho Teixeira (*Batiguano Returns—Roben na estrada*), acompanhados de Arthur Lins e André Moura Lopes (*O Nordeste sob a Caravana Farkas*) e Tiago A. Neves (*Outono em Gotham City*). Em *Malaika*, temos um dia na vida da protagonista que empresta seu nome ao filme, uma adolescente albina, no interior do Nordeste. A luz do sol é uma ameaça. André Moraes, diretor, roteirista e ator, tem mais de 20 anos de carreira no teatro e no cinema. *Rebento*, seu primeiro longa-metragem, recebeu o troféu de Melhor Filme no Diorama Film Festival, em Nova Dehli, Índia.

De volta ao país e forçado a cuidar da mãe, um ator em fim de carreira é obrigado a

ensinar um aprendiz mais talentoso e, assim, encarar o papel que nunca quis interpretar: o de coadjuvante. Este é o enredo de *Outono em Gotham City*, do roteirista, diretor e montador Tiago A. Neves. Realizador na produtora Toco Filmes, que se concentra na produção de filmes relevantes e de baixo custo, Tiago está envolvido em mais de 70 produções, desempenhando as mais diversas funções, em curtas, médias e longa-metragens, totalizando mais de 100 prêmios em festivais de cinema. Tiago também coordena o FestCiMM — Festival de Cinema no Meio do Mundo e o CiMM — Cinema no Meio do Mundo, cuja premissa é “produzir cinema em diversas ter-

ritorialidades e compartilhar expertises técnicas e poéticas de forma colaborativa”.

Batiguano Returns – Roben na estrada, dirigido por Tavinho Teixeira e Frederico Benevides, é uma revisita de Tavinho ao irreverente *Batiguano*. Neste retorno, segundo o crítico Eduardo Valente, a “desmaterialização contemporânea das relações se torna o *background* para um grito *punk* e radical pela vida, especialmente aquela fora das algemas da sociedade careta e capitalista”. Tavinho Teixeira é reconhecido por seu cinema autoral e provocativo. Diretor de obras como *Batiguano* (2014) e *Sol Alegria* (2018, com codireção de Mariah Teixeira), ele explora temas como a política, a sexualidade e o absur-



Em “*Outono em Gotham City*”, um ator em fim de carreira encara o papel que nunca quis fazer: o de coadjuvante

Diretor Tavinho Teixeira (esq.) encarna novamente o "menino-prodígio", companheiro do "Homem-Morcego" Everaldo Pontes (dir.), na sequência "Batíguano Returns - Roben na estrada"

Foto: Frederico Benevides/Divulgação

do, mesclando humor e crítica social. Seu codiretor, Frederico Benevides, é pesquisador, doutor em Artes Visuais, diretor e editor de cinema, com trabalhos apresentados em festivais reconhecidos mundialmente: Berlinale, Oberhausen, Fidocs e Mostra de São Paulo.

O diretor e roteirista Arthur Lins, em parceria com o cearense André Moura Lopes, traz *O Nordeste sob a Caravana Farkas*, um coletivo de cineastas que, na década de 1960, percorreu o Nordeste, registrando rostos, vozes e as tensões sociais de um Brasil em

transformação. Mais de cinco décadas depois, este filme retoma essa travessia, construindo uma ponte temporal que entrelaça as obras históricas à contemporaneidade.

Lins é diretor dos longas-metragens *Desvio* (Mostra Tiradentes, 2019, e grande vencedor do Fest Aruanda, 2019), *Pele Fina* (Olhar de Cinema, 2022) e os curtas *O plano do cachorro* (codirigido por Ely Marques) e *O matador de ratos*. Atuante há mais de 20 anos no Ceará, Lopes é roteirista, diretor, fotógrafo e produtor. *O Nordeste sob a Caravana Far-*

kas é a sua estreia em longas-metragens.

Voltando ao pai da alcunha "a primavera do cinema paraibano", Luiz Zanin termina seu artigo de 2018 constatando que é preciso "comemorar esse momento. Em seguida, será preciso estudá-lo. Por enquanto, fica o registro: prestem atenção na Paraíba".

A programação completa da 20ª edição do Fest Aruanda pode ser acompanhada tanto no site oficial do evento (www.festaruanda.com.br) quanto no seu perfil oficial no Instagram (@festaruanda).



Foto: Saulo Dannyck/Divulgação

“Malaika” (acima) acompanha o cotidiano de uma adolescente albina, no interior do Nordeste; já “Corpo da Paz” (ao lado) se passa no Sertão paraibano, em plena Ditadura Militar dos anos 1960; por fim, “O Nordeste sob a Caravana Farkas” (abaixo) refaz a travessia de um coletivo de cineastas, que registrou um Nordeste brasileiro em transformação há mais de meio século



Leia o QR Code acima e acesse a página oficial do Fest Aruanda na internet

Bertrand Lira é cineasta, professor doutor do curso de Mídias Digitais da UFPB e autor dos livros ‘Luz e Sombra: significações imaginárias na fotografia do cinema expressionista alemão’ (2013) e ‘Cinema Noir: a sombra como experiência estética e narrativa’ (2015).

Correio das Artes

Foto: Rodolpho de Barros/Reprodução



Foto: Marcelo Coutinho/Divulgação



Geraldo Vandré

faz 90 anos
e segue no
seu caminho
e no seu canto...

Homenageado na 20ª edição do Fest Aruanda, paraibano é uma lenda viva da música desde a década de 1960

Jãmarrí Nogueira

Especial para o Correio das Artes

Geraldo Vandré sempre nos devora, diante da impossibilidade de decifrá-lo. Maior que a certeza em torno de sua aura enigmática apenas o nível de admiração diante de sua importância artística nas últimas seis décadas. O cantor e compositor paraibano acaba de comemorar 90 anos de idade, no dia 12 de setembro. Ele é um dos grandes homenageados deste ano.

Não é a primeira vez que Vandré é alvo de tributo no festival... Em 6 de dezembro de 2023, o artista foi homenageado no encerramento do 18º Fest Aruanda, em João Pessoa. Aquela edição teve exibição do curta-metragem documental *Vandré no Exílio* (produção de 1970), com a presença do músico.

Já no 10º Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro, em dezembro de 2015, o destaque da programação foi o filme *A hora e a vez de Augusto Matraga*, do diretor Roberto Santos. Esse longa-metragem tem a trilha sonora original assinada por Geraldo Vandré, que recebeu o Troféu Aruanda de Contribuição ao Cinema Nacional.

O dia 12 de setembro deste ano foi marcado pelo 90º aniversário de Geraldo Vandré, cantor, compositor e violonista paraibano (nascido em João Pessoa), com o nome de Geraldo Pedrosa de

Araújo Dias. O “Vandré” foi adicionado como nome artístico em homenagem ao pai, José Vandregésilo.

O jovem artista paraibano se tornara colaborador do Centro Popular de Cultura da UNE (CPC) desde o começo da década de 1960. Foi no CPC que ele conheceu o também compositor Carlos Lyra, que se afastava do movimento bossanovista porque desejava fazer uma música mais engajada. Sintonizados, eles compuseram “Aruanda”.

Vandré começou a ganhar repercussão nacional com sua música a partir de 1966. Naquele ano, inscreveu no Festival de Música Popular Brasileira, da TV Record, a música “Disparada”, composta com Théó de Barros e defendida por Jair Rodrigues. Dividiu o primeiro lugar com Chico Buarque, que concorria com “A banda”, na voz de Nara Leão.

Geraldo Vandré — entre

enigmático e mártir da música brasileira, é um herói da resistência contra a Ditadura Militar instaurada em 1964, após um golpe de estado. É de Vandré um hino contra a opressão da época: “Pra não dizer que não falei das flores (Caminhando)”. Esse *hit* tem como título original “Pra não dizer que não falei de flores”. “De” e não “das”. Durante entrevista coletiva, em João Pessoa, em 2023, Vandré confirmou esse dado e ainda outro: o refrão desse hino foi improvisado na apresentação no Festival Internacional da Canção, no Maracanãzinho, no Rio de Janeiro (RJ).

Depois desse festival, em 1968, a ditadura tornou-se ainda mais forte e Vandré tornou-se cada vez mais afastado dos holofotes. O Ato Institucional 5 (AI-5) foi anunciado menos de dois meses após o sucesso de Vandré no festival e varreu a liberdade de produção de um grande número de artistas, condenando vários ao exílio.

O último álbum musical de Geraldo Vandré, *Das terras de benvirá*, foi gravado na França e lançado em 1970. Só saiu no Brasil em 1973 (mesmo ano do retorno de Vandré ao Brasil, após exílio no Chile). Desde então, o artista tem levado uma vida bastante pacata, principalmente depois do falecimento da esposa, em 2021.

Ensimesmado e com aparições raríssimas, Vandré poucas entrevistas concedeu nesse período. Voltou a cantar em dois shows realizados em João Pessoa, em março de 2018. Apresentações sinfônicas feitas na Sala de Concertos Maestro José Siqueira, no Espaço Cultural José Lins do Rego (Funes).

A luta, a martirização, o talento e até mesmo as polêmicas fazem de Vandré um artista singular. A homenagem aos seus 90 anos no Fest Aruanda não é à toa... Então, “Vai para [o Fest] Aruanda! Ouve essa voz que te chama. Vai, vai, vai!”. Permanecemos seguindo os caminhos e os cantos de Geraldo Vandré.

Foto: Arquivo Estadão Conteúdo

Vandré durante a seletiva classificatória do Festival Internacional da Canção Popular, no ginásio do Maracanãzinho, no Rio de Janeiro (RJ), em 1968





Silvio Tendler

venceu através dos sonhos...

Um dos maiores documentaristas brasileiros, ele dedicou a vida para contar histórias das personalidades e do país

Em 2013, o cineasta Silvio Tendler participou do Fest Aruanda, em uma edição que representou a retomada em novo formato do festival. Distribuiu talento e simpatia. Naquele ano, o evento teve como foco “a ditadura pelo olhar do cinema” e entregou a Tendler o Troféu Aruanda pelo conjunto da obra e pela sua contribuição ao cinema brasileiro.

Em setembro deste ano, os amantes do cinema tiveram o pesadelo do falecimento de Silvio Tendler, professor, historiador e documentarista. Logo ele, o “cineasta dos sonhos interrompidos”... Nesta 20ª edição, o Fest Aruanda prestará uma homenagem póstuma ao realizador.

Ao longo de mais de cinco décadas de carreira, produziu e dirigiu mais de 70 filmes e 12 séries televisivas. Ele dedicou a sua carreira a contar histórias de personalidades, como João Goulart, Juscelino Kubitschek, Carlos Marighella e Glauber Rocha. Uma obra sempre marcada pelo engaja-

jamento político e pela defesa da memória histórica.

Nascido no Rio de Janeiro, em 1950, o cineasta começou sua trajetória no movimento cineclubista ainda na década de 1960, liderando a Federação de Cineclubes do Rio, em 1968. O primeiro projeto foi um documentário sobre João Cândido, conhecido como Almirante Negro, que chefiou a Revolta da Chibata.

Durante a ditadura, iniciada com o golpe de 1964, Tendler exilou-se no Chile e depois na França, onde se formou em História pela Universidade de Paris VII (Paris Diderot) e fez mestrado em Cinema e História pela École des Hautes Études — Sorbonne. A volta ao Brasil foi em grande estilo...

Jango, de 1984, foi o primeiro filme documentário brasileiro a ultrapassar a marca de um milhão de espectadores. *Anos JK*, *Jânio a 24 Quadros* e suas dezenas de filmes também foram consagrados e fizeram dele um dos cineastas

brasileiros mais premiados internacionalmente.

Seu trabalho foi exibido em festivais como Cannes, Trieste, Fest-Filmes e em mostras pela Europa e América Latina. Filmes marcantes e profundamente importantes para a nossa história, como *Glauber, o filme — Labirinto do Brasil* (2003), *Encontro com Milton Santos: O Mundo Global Visto do Lado de Cá* (2006), *Utopia e barbárie* (2009), *Tancredo, a travessia* (2011), *Militares da democracia* (2014) e *Os advogados contra a ditadura* (2014).



Sua trajetória de superação foi retratada no documentário *A arte do renascimento*, dirigido por Noilton Nunes. Desde então, o cineasta seguiu ativo na produção cultural, lançando filmes como *Saúde tem cura* (2021), sobre o SUS, e participando de eventos públicos e festivais em diversas partes do país até 2024.

De família judaica com raízes ucranianas e bessarbianas, Tandler foi, desde 1979, professor do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio (onde cursou Direito e Comunicação). Com um enorme senso de humor e talento extremo, fez muito pelo cinema brasileiro. Sonhou e realizou! Tandler, como costumava dizer sempre, “saudade de você”.

Ao longo de mais de cinco décadas de carreira, o realizador carioca produziu e dirigiu mais de 70 filmes e 12 séries televisivas, sendo um dos cineastas brasileiros mais premiados fora do país



A eterna valsa de Jean-Claude Bernadet

Ator, diretor e professor foi decisivo na formulação de um pensamento crítico sobre o cinema brasileiro

Ele veio à luz na Bélgica. Mas à câmera e à ação, foi no Brasil. Jean-Claude Bernadet colaborou intensamente com um novo formato de pensar o cinema brasileiro, como pesquisador, professor, crítico, ator e diretor. Dançou com a Sétima Arte em movimentos belos e sincronizados. Viveu a vida. Viveu o medo.

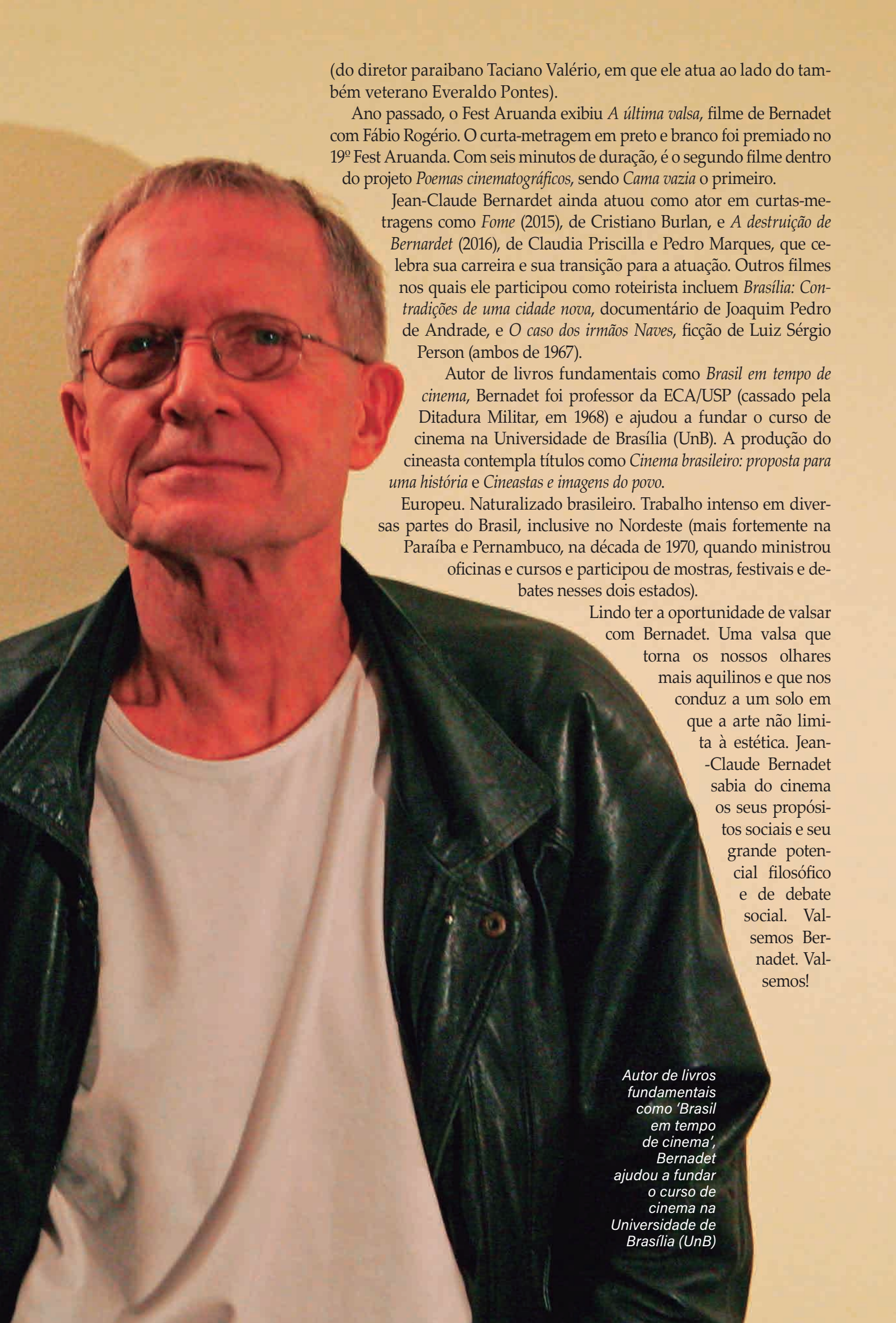
Dando de ombros para o câncer e para a soro-positividade, valsou velozmente 24 vezes por segundo. Uma valsa que o colocou no panteão da imortalidade. Falecido no dia 12 de julho deste ano, Bernadet (88) recebe do Fest Aruanda 2025 uma homenagem póstuma. Um pensador que tinha um caso de amor com o evento paraibano.

Senão vejamos...: em 2006, a segunda edição do Fest Aruanda contou com a presença de Bernadet. Ele participou, na condição de convidado, de uma mesa-redonda sobre o documentário de curta-metragem paraibano *Aruanda* (marco do Cinema Novo, sob a direção de Linduarte Noronha).

Nesse painel, também estavam nomes como Maria do Rosário Caetano, Luiz Zanin Oricchio e o próprio Linduarte Noronha. Depois disso, Bernadet voltaria ao festival outras quatro vezes, sendo – inclusive – homenageado com o Troféu Aruanda, na edição realizada em 2013.

Nesse 8º Fest Aruanda, foram homenageadas outras três personalidades: cantor Ney Matogrosso, o ator Lázaro Ramos e o cineasta Sílvio Tandler. Na mesma edição, Bernadet foi premiado como Melhor Ator por sua atuação no curta-metragem *A navalha do avô*, com direção de Pedro Jorge.

O crítico, ensaísta e ator Jean-Claude Bernadet também foi premiado como Melhor Ator no 14º Fest Aruanda, no ano de 2019, por sua atuação no filme *Nuvem negra* (dirigido por Maria Augusta Nunes). Ainda na área da atuação, esteve no longa-metragem *Pingo d'água*



(do diretor paraibano Taciano Valério, em que ele atua ao lado do também veterano Everaldo Pontes).

Ano passado, o Fest Aruanda exibiu *A última valsa*, filme de Bernadet com Fábio Rogério. O curta-metragem em preto e branco foi premiado no 19º Fest Aruanda. Com seis minutos de duração, é o segundo filme dentro do projeto *Poemas cinematográficos*, sendo *Cama vazia* o primeiro.

Jean-Claude Bernardet ainda atuou como ator em curtas-metragens como *Fome* (2015), de Cristiano Burlan, e *A destruição de Bernardet* (2016), de Claudia Priscilla e Pedro Marques, que celebra sua carreira e sua transição para a atuação. Outros filmes nos quais ele participou como roteirista incluem *Brasília: Contradições de uma cidade nova*, documentário de Joaquim Pedro de Andrade, e *O caso dos irmãos Naves*, ficção de Luiz Sérgio Person (ambos de 1967).

Autor de livros fundamentais como *Brasil em tempo de cinema*, Bernadet foi professor da ECA/USP (cassado pela Ditadura Militar, em 1968) e ajudou a fundar o curso de cinema na Universidade de Brasília (UnB). A produção do cineasta contempla títulos como *Cinema brasileiro: proposta para uma história* e *Cineastas e imagens do povo*.

Europeu. Naturalizado brasileiro. Trabalho intenso em diversas partes do Brasil, inclusive no Nordeste (mais fortemente na Paraíba e Pernambuco, na década de 1970, quando ministrou oficinas e cursos e participou de mostras, festivais e debates nesses dois estados).

Lindo ter a oportunidade de valsar com Bernadet. Uma valsa que torna os nossos olhares mais aquilinos e que nos conduz a um solo em que a arte não limita à estética. Jean-Claude Bernardet sabia do cinema os seus propósitos sociais e seu grande potencial filosófico e de debate social. Valsemos Bernadet. Valsemos!

Autor de livros fundamentais como 'Brasil em tempo de cinema', Bernadet ajudou a fundar o curso de cinema na Universidade de Brasília (UnB)

Maria do Rosário Caetano, a “missionária do cinema brasileiro”

Escritora e jornalista ‘peregrina’ pelos principais festivais audiovisuais e fomenta o debate sobre nossa produção

Coromandel é uma cidade mineira historicamente voltada para o garimpo de ouro. Foi lá que nasceu a preciosa jornalista, escritora, pesquisadora e crítica de cinema Maria do Rosário Caetano. Ela, Rosário, acaba de festejar 70 anos de vida (maior parte deles voltados para o audiovisual).

Ela respira cinema, em dedicação diária e permanente. Escreve textos especializados para jornais e revistas, mantém uma revista sobre a Sétima Arte e é habituê dos principais eventos cinematográficos. Obviamente, não perde nenhuma edição do Fest Aruanda, evento que — este ano — está lhe homenageando.

“Missionária do cinema brasileiro” é um “título” que lhe foi concedido pelo saudoso ci-

neasta Arnaldo Jabor. É casada com o jornalista e crítico de cinema Luiz Zanin Oricchio, com quem se relaciona afetivamente desde agosto de 1992, quando o conheceu na cobertura jornalística do Festival de Gramado, no Rio Grande do Sul.

Jornalista, formou-se em Comunicação Social e Letras (Língua e Literatura Portuguesa) na Universidade de Brasília (UnB). Em mais de quatro décadas de exercício jornalístico, trabalhou no *Jornal de Brasília*, *Correio Braziliense*, Rede Globo/Brasília e também em diversos periódicos alternativos.

Rosário é escritora, autora de livros como *Marlene França: do Sertão da Bahia ao Clã Matarazzo*, *Fernando Meirelles — Biografia prematura* e *Cineastas latino-americanos: entrevistas e*

filmes. Organizou o livro *Paulo Freire e a educação brasileira* e colaborou com Joaquim Pedro de Andrade e equipe no roteiro-livro *O imponderável Bento*.

Colaborou ainda com a obra *Cinema falado — Cinco anos de seminários de cinema em Porto Alegre* e com o álbum *Trinta anos de Gramado*. Participou da equipe de pesquisadores da *Enciclopédia do cinema brasileiro* (organizada por Fernão Ramos e Luis Felipe Miranda) e do *Guia do cinema brasileiro*.

Preparou, para a Jornada de Cinema da Bahia, o catálogo *Jorge Amado e o cinema*. Também é autora do livro *João Batista de Andrade — Alguma solidão e muitas histórias*, feito para a Coleção Aplauso, da Imprensa Oficial de São Paulo. Rosário é uma pensadora do cinema e

uma grande referência do jornalismo especializado.

Não à toa, ela recebeu do Festival de Cinema de Pernambuco, em Recife (PE), a medalha do mérito em Jornalismo Especializado, em 2003. Três anos mais tarde, recebeu uma placa por serviços prestados ao cinema brasileiro e mineiro, na Mostra Tiradentes, em Minas Gerais.

E por falar em homenagem, não é a primeira vez que Maria do Rosário Caetano recebe o “clape-clapear” do Fest Aruanda. Na edição que marcou os 15 anos do festival, em 2020, ela foi homenageada. A jornalista mineira (com formação em Brasília-DF e radicada em Santos-SP) esteve presente em todas as edições do festival, desde 2005.

“É a madrinha do Fest Aruanda. Desde o começo nos prestigiou, fez curadoria e sempre a mediação dos longas-metragens”, reconhece Lúcio Vilar. Nesta mesma edição, houve homenagens aos 90 anos do cineasta Linduarte Noronha e aos 60 anos de seu curta-metragem *Aruanda*, um marco do Cinema Novo.

Maria do Rosário Caetano e seu trabalho como “missionária” são essenciais para a produção audiovisual brasileira. Sua obra reflete seu talento e sua capacidade de refletir a respeito do nosso fazer cinematográfico. Um acompanhamento incansável de quem tem a devoção pela Sétima Arte.

Considerada a “madrinha” do Fest Aruanda, a jornalista, crítica e escritora nunca perdeu uma edição do festival audiovisual realizado na Paraíba





Jandira Feghali

e a **luta** pela **regulação** do ***streaming*** no **Brasil**

“Criadores precisam ter seus direitos assegurados e o nosso audiovisual precisa ser mais (re)conhecido”

Nas duas últimas décadas, o audiovisual ganhou muitas telas para além das tradicionais salas de cinema. Filmes, séries e documentários passaram a ocupar — às vezes exclusivamente — as plataformas de *streaming*. Tudo muito rápido. Desde 2015 para cá, os hábitos de consumo dos espectadores mudaram bastante.

Dentre aqueles que consomem o audiovisual é impossível imaginar que não conheçam plataformas como YouTube e Netflix, por exemplo, além da Globoplay (hoje, a maior plataforma audiovisual do país). “Telas” foram pluralizadas, mas ainda falta (e como falta) regulação.

Várias pesquisas mostram que 75% dos brasileiros acessam diariamente algum serviço de vídeo por demanda (VOD, sigla em inglês para *video on demand*). Um dos projetos de lei que tratam do tema no Congresso, o PL 2.331/2022, tem como relatora a deputada federal Jandira Feghali, que — este ano — recebe homenagem do Fest Aruanda.

Um dos objetivos é criar condições necessárias — e urgentes — para acelerar o desenvolvimento do audiovisual brasileiro. Feghali defende que é preciso valorizar a produção independente brasileira. “Criadores precisam ter seus direitos assegurados e o nosso audiovisual

precisa ser mais (re)conhecido”, defende a parlamentar.

Conhecida pelo público por conta do trabalho e da luta como deputada federal (inclusive, a autoria da Lei Maria da Penha), Jandira Feghali — forma em Medicina pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) — também é videasta e baterista (é irmã de Ricardo Feghali, músico membro da banda Roupas Nova).

É de sua autoria, como relatora, o texto final da Lei Aldir Blanc, importante medida voltada ao setor cultural. Feghali é ainda autora da Lei Aldir



Projeto de Lei da deputada federal propõe uma cota de 10% de conteúdo brasileiro nos catálogos do *streaming* e uma alíquota de 6% de Condecine sobre o faturamento bruto anual

Blanc 2, uma política permanente para a cultura. Em abril deste ano, ela participou do 2º Encontro Nacional de Gestores da Cultura, que ocorreu no Centro de Convenções de João Pessoa.

Cineastas e profissionais do setor audiovisual brasileiro lançaram um documento pedindo a regulamentação do *streaming* no Brasil. Chamado de “Manifesto por uma Regulamentação do *Streaming* à Altura do Brasil” e assinado por milhares de profissionais do setor, o documento defende que “a regulamentação do vídeo sob demanda (VOD) é hoje a medida mais urgente e estratégica para garantir o futuro do audiovisual brasileiro”.

Feghali argumenta que emissoras de TV e salas de cinema pagam normalmente a Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica Nacional (Condecine), um tributo cuja arrecadação se destina ao Fundo Setorial do Audiovisual (FSA), que fomenta o setor. Já as plataformas de *streaming* seguem isentas, o que representaria uma perda anual de 3,7 bilhões de reais para o FSA.

O texto do Projeto de Lei de Feghali propõe uma cota de 10% de conteúdo brasileiro nos catálogos do *streaming* e uma alíquota de 6% de Condecine sobre o faturamento bruto anual. A parlamentar é uma interlocutora essencial para que as lutas do audiovisual brasileiro transformem-se em conquistas.

Jãmarri Nogueira atua como jornalista há 30 anos. É crítico de cinema na Band News Manaíra e tem o blog ‘Clape Clape Clape’, além de apresentar o programa ‘Espaço Cultural’ (Tabajara FM). É cerimonialista do Fest Aruanda.



Muyllaert e a maternidade sensível e incondicional

Em 'A melhor mãe do mundo', a personagem principal (vivida por Shirley Cruz) é uma mulher negra, com duas crianças e catadora de lixo reciclável, na metrópole São Paulo

Genilda Azerêdo

Especial para o *Correio das Artes*



O recente filme de Anna Muylaert, *A melhor mãe do mundo*, chama a atenção por várias razões: tem como protagonista Gal (Shirley Cruz), uma mulher negra, mãe de duas crianças, catadora de lixo reciclável, na metrópole São Paulo. Quando a narrativa inicia, testemunhamos Gal atônita, em choque, tentando denunciar o companheiro (Leandro, interpretado por Seu Jorge) por agressão e violência; mas é como se ela sequer conseguisse verbalizar o acontecido. Seu olhar assustado, seu rosto machucado, sua alma dilacerada denunciam mais que a sua fala.

De início, Gal é flagrada durante uma longa sequência no trânsito intenso de São Paulo, puxando sua carroça de lixo. Há um contraste entre seu esforço físico e o conforto daqueles que passam em seus carros com ar condicionado, supostamente ouvindo música, e tendo uma vida mais amena. Será que percebem a catadora e sua vida sofrida? Ou se incomodam com a sua carroça “atrapalhando” o trânsito?

Eis a relevância de um filme como esse, que coloca em evidência e obriga o espectador a observar o protagonismo de uma desvalida, que, no entanto, se coloca diante da vida com uma força arrebatadora, sobretudo quando inventa uma fantasia para tentar proteger as crianças de uma realidade cruel. Com seu filme, Muylaert dá visibilidade a sujeitos quase sempre invisíveis e desvalorizados.

Percebendo o perigo que seria sua vida se continuasse com o companheiro violento, Gal decide levar as crianças com ela, na carroça, em suas rondas como catadora. Dado o estranhamento inicial das crianças, que perguntam pela

“Eis a relevância de um filme como esse, que coloca em evidência e obriga o espectador a observar o protagonismo de uma desvalida, que, no entanto, se coloca diante da vida com uma força arrebatadora”

Foto: Divulgação/Galeria Distribuidora



casa, sentem fome na rua, além da necessidade de banho, Gal explica que se trata de uma aventura. Desta forma, acampam em um parque, passam a comer quentinha de doação (Gal explica que é comida de restaurante) e tomam banho na fonte de um monumento, em plena luz do dia.

Muylaert, com sua sensibilidade para com os marginalizados, e adotando uma contenção dramática, transforma o que poderia ser um sofrimento

ainda mais cruel, ao eleger essa perspectiva da vivência infantil, que se encanta com pouco e se diverte com alguns achados no lixo. Com efeito, tal perspectiva infantil se faz presente desde os créditos, em que a letra infantil ganha destaque para apresentar o filme, constituindo-se em moldura.

A propósito, na reportagem de Thyago Furtado (*Vogue*, 7/8/2025), consta a observação do cuidado e respeito

para com a participação das crianças, in-

terpretadas por Rihanna Barbosa e Benin Ayô: de um lado, precisavam ser protegidos do teor mais violento do longa-metragem; de outro, precisavam encenar de modo convincente, para mostrar o que se fazia necessário.

A vivência da mãe e das crianças na rua, exatamente por causa da fantasia, acaba por diluir o efeito de perigo, de violência e vulnerabilidade constantes. No entanto, suas necessidades mais básicas levam Gal a transgredir: tememos que ela seja presa quando rouba absorvente e biscoito de um supermercado. Como contraponto, destaquemos a sequência da dança a três, em frente a uma loja — dança, coreografia, música e alegria como resposta ao que poderia ser apenas desalento. Chamemos também a atenção para a torcida dos três vibrando com o time do coração. A propósito, a sequência no estádio lembra outra mãe batalhadora e amorosa do nosso cinema — Cleuza (Sandra Corveloni), personagem também destemida

Cineasta Anna Muylaert (ao lado), com a sua sensibilidade para com os marginalizados, aborda as dificuldades da maternidade articulando-se com a pobreza e a violência doméstica

Foto: Gleeson Paulino-IC



do filme *Linha de passe*, de Walter Salles e Daniela Thomas.

Acontece que Gal não consegue se desvencilhar tão “facilmente” do companheiro violento. A segunda parte do filme mostra a acolhida que ela e as crianças recebem na casa dos primos — onde ela se imaginava segura. Porém, logo tudo muda novamente, com a chegada do agora “companheiro/príncipe encantado”, que chega com flores, aliança e presentes para as crianças. O público presente ao churrasco que a família oferece, patrocinado pelo “príncipe”, testemunha, com aplausos, o sim de Gal ao pedido de reconciliação, como se agora pudessem ser felizes para sempre. Mas é só esperar o tempo de ele se embriagar de novo e mostrar as garras do abusador violento que é — inclusive dando a entender que até a filha de Gal corre perigo na convivência com ele.

Para além da questão central abordada — a difícil maternidade em meio à pobreza e à violência —, a narrativa desse filme traz várias outras questões relevantes: uma fala da prima de Gal (Luedji Luna), por exemplo, denota a naturalização e a banalização com que

alguns (muitos?) ainda percebem a violência do homem contra a mulher: “Tua mãe também não apanhava do teu pai? É assim mesmo! E você vai viver como, na rua, com duas crianças pra criar?” A propósito, essa mesma prima fecha os olhos às traições do marido, em uma atitude de passividade e resignação diante da vida.

Em outra cena também chocante, Gal é abusada pelo suposto amigo (Lourenço Mutarelli) que a socorre com quentinhas; ele se aproveita da necessidade financeira e vulnerabilidade dela para abusar do seu corpo. Até ele? Como contraponto, temos a mulher da rua (Rejane Faria), que mesmo em uma cadeira de rodas, e assaltada por adolescentes, se solidariza com Gal, sendo responsável pelo apoio e acolhimento que ela recebe, no final do filme, junto aos outros moradores da ocupação. Destaque aqui para a presença de Chico César.

Fico aqui pensando quão importante seria mostrar esse filme nas escolas. As temáticas variadas que ele oferece poderiam suscitar diálogos e debates ligados à violência contra a mulher; alcoolismo; reciclagem de lixo; traição amorosa; velhi-

ce; maternidade solo; moradores de rua; organização de grupos que atendem moradores de rua, seja com comida, seja com encaminhamento de ocupações de prédios abandonados.

É interessante perceber que, em *Que horas ela volta?*, Muylaert também focaliza o universo da mulher e da maternidade — tendo como foco a empregada doméstica (Val, encarnada por Regina Casé) e os conflitos na relação com os patrões de uma classe social alta. E é importante ressaltar como Muylaert torna complexa a questão da maternidade ao associá-la a três mães diferentes: Val, a patroa e Jéssica. Agora, em *A melhor mãe do mundo*, as dificuldades da maternidade se articulam com a pobreza e a violência doméstica, dando também realce à subjetividade de Gal como mulher.

Dar visibilidade a personagens marginalizados, dando-lhes complexidade e voz, é uma marca do cinema de Muylaert — índice significativo de suas escolhas e posições políticas.

Genilda Azerêdo é professora titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e pesquisadora-bolsista do CNPq.



Fotos: Divulgação/Galeria Distribuidora



Tiago Germano
tdgermano@gmail.com

Ao rés da página

Fronteiras da literatura na Flic

Feira Literária Internacional de Campina Grande evidencia
"constrangimento crítico" diante da racialidade

MEU
CORACÃO
É CHEIO DE
PASSAIROS.
POR ISSO
NUNCA
ME DEI BEM
COM GAIOLAS.



A escrevivência pareceu ser o grande tema da 8ª Feira Literária Internacional de Campina Grande (Flic), evento cuja culminância ocupou o Museu de Arte e Ciência (MAC) e o Parque da Criança, nos dias 14, 15 e 16 de novembro, na Rainha da Borborema. Tendo entre os destaques da programação os nomes do poeta Sérgio Vaz e do romancista Jeferson Tenório, a Flic evidenciou o protagonismo da autoria negra no cenário da literatura contemporânea, trazendo para o palco dois escrito-

res que, a despeito de formações e trajetórias distintas, parecem enfrentar um desafio comum em suas carreiras: a tentativa de superar a desqualificação de suas obras por um determinado segmento da crítica que insiste em associá-las mais à sociologia que propriamente à literatura, lembrando um debate muito comum na época do naturalismo e de seus romances ditos “sociais” ou “de tese”.

Oriundo do Capão Redondo, em São Paulo (que chegou a ser considerado o lugar mais

violento do mundo pela Organização das Nações Unidas, num dado citado pelo autor na mesa de abertura da feira, dividida com a poeta e *slammer* Jessicalen Conceição, Sérgio Vaz contou ao público sua experiência como fundador do sarau da Cooperifa, um projeto que conduz desde 2001 em um bar da comunidade, espaço que elegeu para dessacralizar a poesia num ambiente que “nada mais é que um lugar para onde as pessoas vão depois de louvar um Deus chamado trabalho”. Questionado direta-



Foto: Robson Fernandes/Estadão Conteúdo

Sérgio Vaz contou ao público sua experiência como fundador do sarau da Cooperifa, um projeto que conduz desde 2001 em um bar da comunidade, espaço que elegeu para dessacralizar a poesia num ambiente que “nada mais é que um lugar para onde as pessoas vão depois de louvar um Deus chamado trabalho”

mente por um leitor quanto à crítica feita pela professora da USP Aurora Bernardini, de que a literatura de escritores como Itamar Vieira Junior não eram de fato literatura, por carecerem de forma, o autor manifestou-se de forma bem-humorada, lembrando de duas ocasiões em que foi convidado a dar palestras em universidades.

Na primeira, relatou Vaz, o professor que mediaria sua mesa começou a gabar-se de seus títulos acadêmicos, transformando a apresentação dos dois numa espécie de luta de boxe em que, de um lado, estava o pesquisador com seus muitos títulos e do outro Sérgio Vaz, o “poeta da quebrada”. “Em certo momento ele me perguntou se eu me considerava um intelectual. Não sei, eu respondi, mas

vamos ver a coisa do seu ponto de vista: se você está aqui do meu lado agora ou você subiu ou você desceu de nível”. Efusivamente aplaudido pela plateia, recordou ainda outra ocasião em que uma intelectual dessa mesma estirpe afirmou que seus textos não podiam ser considerados poesia, mas bilhetes mal-escritos para serem colados em geladeiras. “Minha senhora”, ele respondeu. “De onde eu venho nem todo mundo tem geladeira, mas quando a gente diz que ‘nós vai’ a gente vai mesmo”.

Nascido no Rio de Janeiro, radicado primeiro em Porto Alegre (onde ele se formou e se pós-graduou em Letras) e depois em São Paulo (onde atualmente reside), Jeferson Tenório

não deixou de enfrentar esses estigmas críticos ao transitar pelos ambientes universitários (tema de mais de um de seus livros). Indagado pela historiadora Bruna Santiago, com quem dividiu mesa, a respeito do mesmo apontamento da crítica acerca da carência de forma na literatura de autoria negra, ele foi ainda mais enfático. Ponderou sobre o que definiu como “constrangimento crítico”: a tentativa de ler tal literatura à luz de um cânone teórico eurocêntrico, no mínimo despojado de instrumentos analíticos adequados para dar conta de suas questões mais urgentes. “De um lado, temos Walter Benjamin dizendo que não se pode narrar diante do horror da guerra, enquanto do outro

Jeferson Tenório ponderou sobre o que definiu como “constrangimento crítico”: a tentativa de ler tal literatura à luz de um cânone teórico eurocêntrico



temos a literatura de raiz africana em que toda a narração brota justamente do horror e do trauma da guerra”, refletiu, chamando de “ressentida” uma crítica dedicada a invalidar uma determinada literatura, sem convidar o leitor à leitura, ainda que para discordar do crítico.

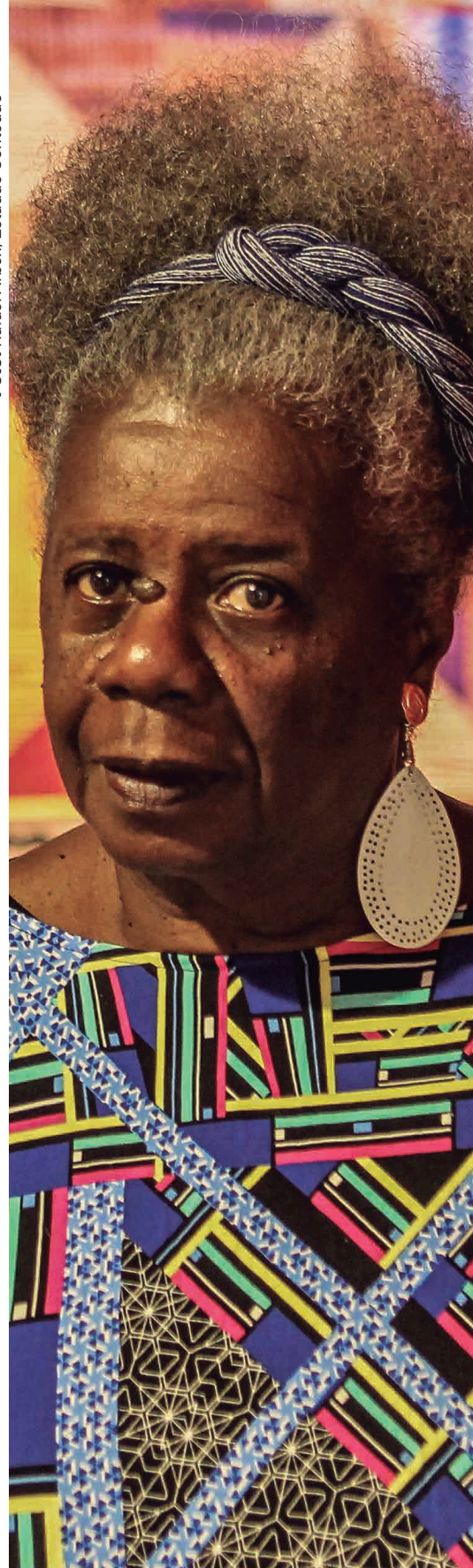
Sobre este tópico em particular, ao ser instado sobre sua postura diante de tais opiniões negativas, Tenório fez algumas boas observações sobre o papel da crítica literária, partindo do pressuposto de que “nenhum livro que fale sobre outro livro é maior que o livro em si”, e que toda crítica serve ao leitor e não ao escritor ou ao próprio crítico, colocando uma lupa na narrativa ou

acendendo um fósforo e iluminando os caminhos traçados por um livro. Metaforicamente, foi um tanto curioso como tanto Tenório quanto Vaz dialogaram em suas palestras com essa mesma imagem do fogo, já que na noite anterior o poeta afirmou que o rito da literatura primeiro corresponde a quem escreve para depois corresponder aos demais, porque “quando se acende uma vela o primeiro a se iluminar é você”.

Neste contexto de iluminação, a escrevivência surge como um dispositivo crítico ideal para abarcar essas literaturas com forte viés identitário, que partem da experiência pessoal para falar ao coletivo, valorizando a ancestralidade de vozes marginalizadas. Cunhado por Conceição Evaristo, o termo não deixa de ser uma variante da autoficção, um instrumento analítico criado por Serge Doubrovsky, em 1977, para referir-se a um híbrido entre a autobiografia e a ficção, prática consolidada entre escritores brancos cujo *status* literário raramente é posto em xeque.

Se a crítica se vale de dois pesos e duas medidas em seu crivo matizado pela cor, a lembrança de Nietzsche, evocada por Jeferson Tenório em sua defesa à literatura negra, nunca foi tão apropriada. “Com ele aprendi que mais importante que a busca pela verdade”, lembrou o escritor, “é pensar a quem determinadas verdades interessam”. No caso das verdades literárias aqui tratadas, sabemos muito bem a quem elas interessam e por quê.

Foto: Rafael Arbex/Estadão Conteúdo



Conceição Evaristo cunhou o termo “escrevivência”, um dispositivo crítico ideal para abarcar essas literaturas com forte viés identitário, que partem da experiência pessoal para falar ao coletivo, valorizando a ancestralidade de vozes marginalizadas

Tiago Germano é autor do romance ‘O que Pesa no Norte’ (Moinhos, 2023), obra semifinalista do Prêmio Oceanos, e foi indicado ao Jabuti pelas crônicas de ‘Demônios domésticos’ (Le Chien, 2017). É professor de Escrita Criativa e mora em João Pessoa (PB).

Rizemberg Felipe

Especial para o Correio das Artes

Em 2016, eu tive a oportunidade de viajar a Cuba e o que encontrei foi um país vibrante, complexo e, acima de tudo, em profunda transformação. Para um repórter fotográfico como eu, em busca de grafismo, cores, formas e uma identidade cultural que transborda, Havana é um laboratório visual. Mas, por trás da pátina nostálgica que tanto atrai os olhares de fora, reside uma verdade menos romântica e mais fascinante: a absorção sutil e profunda da cultura norte-americana.

Minhas lentes buscavam a riqueza visual. Pude capturar o cotidiano em suas cores saturadas: a intensidade do vermelho da capa de um menino brincando de super-herói na rua ou o amarelo quente que banha as ruas ao anoitecer, em contraste com as roupas dos jovens. Esses contrastes não são apenas estéticos; são a expressão de uma vida que pulsa forte, apesar das dificuldades.

Desconstrução do mito

A visão idealizada e frequentemente esquerdista/romântica de Cuba, como uma ilha monolítica, imune às influências externas, desmorona-se rapidamente ao observar o detalhe.

O que se vê nas ruas não é apenas o classicismo socialista,

mas uma juventude que, através da tecnologia (cada vez mais presente) e do turismo, absorve a cultura global.

Super-Heróis e marcas: não é incomum ver a admiração por ícones que simbolizam o capitalismo e os Estados Unidos. Registrei um jovem na rua vestindo uma camiseta do Superman, um ícone pop norte-americano por excelência. Essa imagem fala mais alto do que qualquer discurso político: a cultura de massa e o imaginário ocidental permeiam o cotidiano.

Aparência e identidade: a estética, o estilo de vestir e até mesmo a atitude dos jovens refletem uma busca por uma identidade globalizada. Em outra foto, um garoto usa shorts com listras que remetem a marcas esportivas norte-americanas, e a própria atitude de confiança e pose que ele exibe é familiar ao status juvenil contemporâneo.

A realidade é que, por décadas, Cuba foi obrigada a repudiar os símbolos norte-americanos, mas a curiosidade e a atração cultural persistem. As pessoas admiram o estilo, a música e a moda, incorporando-os à sua maneira. O que a fotografia revela é essa hibridização cultural, onde o socialismo cubano

coexiste com a admiração pela estética e o estilo de vida que o Tio Sam representa.

Paraíso do fotojornalista

Como fotógrafo, Cuba é um destino incomparável. As cores não são apenas vibrantes; são historicamente ricas: o rosa desgastado das fachadas, o turquesa do mar, e o vermelho das camisas que vi nas multidões, muitas vezes com a palavra "Cuba" em destaque, afirmando a identidade local.

O grafismo é encontrado na arquitetura neoclássica em decadência, nas texturas das paredes e nos padrões de luz e sombra criados pelo sol intenso. A identidade cultural está nas pessoas: em seus olhares diretos, em seus sorrisos acolhedores e na maneira como interagem nas ruas, um palco sempre ativo.

A lição de Cuba, através da minha lente, é que a vida e a cultura são sempre mais fluidas e complexas do que a política. É um país que se mantém forte em sua identidade, mas que, na sua essência, está aberto e absorvendo o mundo, inclusive aquele que por muito tempo foi seu adversário ideológico. Essa contradição é a sua maior beleza e a sua mais instigante verdade.



Rizemberg **Felipe**



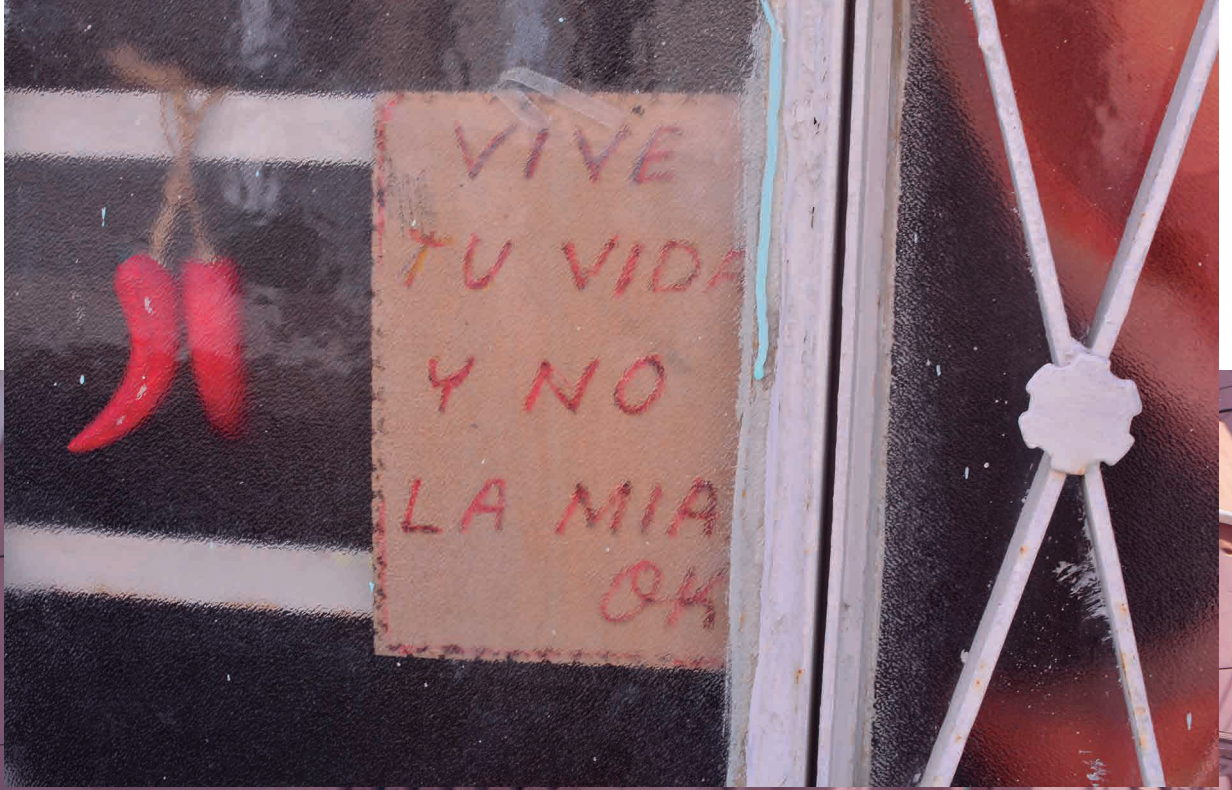
















DEER



Rizemberg Felipe nasceu no Dia Internacional da Fotografia, 19 de agosto. Começou como laboratorista, em 1995, no jornal *O Norte*, chegando a atuar como subeditor de fotografia e a emplacar fotos em renomados periódicos do país. Primeiro fotógrafo internacional do *Jornal da Paraíba*, colaborou com fotografias clicadas na Bolívia, Argentina, Cuba, Índia, Nepal e Peru. Foi aluno do curso de Cinema e Fotografia na New York Film Academy (NYFA), nos EUA. Professor de fotografia desde 2010, hoje ele faz parte da equipe de repórteres fotográficos da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba (SEE-PB).



Larissa Rodrigues
larissa.733@gmail.com

Afinal, o que quer

uma mulher?



Meu vizinho de muro

Na infância, ele era Júnior de Penha, como se o nome carregasse o endereço, o apelido e o destino. Meu vizinho de muro, meu parceiro de tardes barulhentas e silêncios cúmplices. Ainda o trago comigo, como se estivesse sempre por perto. Vez por outra, vejo sua foto nas redes sociais e capturo os gestos de menino. Seus olhos expressivos falam sem palavras. Por vezes, sinto-o chegando e gritando meu nome.

Era o caçula de cinco irmãos. Brincava com tudo, ria de todos, o tempo inteiro. As

regras não o alcançavam, e as consequências não lhe diziam respeito. Quando aprontava alguma (e não era raro), apanhava. Nunca levou uma surra sem que a rua toda soubesse. Gritava alto, como se o mundo fosse acabar. Talvez fosse sua forma de revanche, de fazer o barulho valer mais que o tapa. Se fosse hoje, o Conselho Tutelar já teria montado acampamento na casa mais elegante da rua.

A casa de Penha e Jardel era uma casa moderna. Havia pedras grudadas na parede da frente, um portão grande e

um belo jardim. No interior da casa, os móveis eram, em sua maioria, projetados — luxo absoluto nos anos 1980. Na cozinha, lembro-me de uma mesa redonda, com um suporte giratório no centro. A primeira que vi na vida. Achava aquilo coisa de novela.

E os bichos... ah, os bichos! Tatus, caranguejos, galinhas-d'angola, perus, galinhas comuns. Um zoológico improvisado e sem cercas. Dois cachorros grandes — um deles, Alex, nome que nunca esqueci. O outro, a memória deixou escapar.

Tudo ali era novidade. Eu, criança demais, não fui convidada para os 15 anos de Josa, uma das irmãs de Júnior. Além da festa badalada, ela também foi ao último show de Cazuza. Tinha por ela grande admiração. Naquele aniversário, lembro bem: cabelos dourados em *new wave*, música alta, gente entrando e saindo. Titia e eu ficamos na calçada, espiando o desfile da vida colorida. Júnior aparecia vez ou outra, zombando de mim por qualquer coisa. Olhava de longe com um olhar único de menino que sabe mexer com o brio alheio, ria alto, um grande entusiasta.

Quando queria me chamar, subia no muro do quintal e berrava meu nome. Titia detestava os gritos, achava as brincadeiras dele incômodas, exageradas. Mas ele era só uma criança, e o mundo precisa de mais crianças como ele.

Certo dia, entregaram material de construção na casa da frente. Uma pilha de pedras se formou na calçada, e alguém, não sei quem, jogou sobre elas uma palha seca. Júnior me chamou para brincar. A ideia era simples: escalar e pular. Eu, medrosa, caía suavemente sobre a palha. Ele, destemido, pulava direto no calçamento.

De repente, ele achou a brincadeira injusta. Sem avi-

so, empurrou-me das pedras: — Vai pular na rua também! — gritou.

Caí com o rosto no chão. Ralei a cara no paralelepípedo. Chorei, correndo para casa. Titia, desesperada, primeiro praguejou contra Júnior, depois correu para buscar o mercurocromo. Sim, pintou meu rosto de vermelho. Merthiolate, ardia demais.

No dia seguinte, ao me ver no espelho, me recusei a ir para a escola. A cena era grotesca: meu rosto, uma máscara rubra. Só aceitei ir após três dias, pressionada pelo ultimato de titia: — Vai, sim!

Ela prometeu falar com a diretora. Tia Rosemary, essa, sim, me entendia. Sempre achei que ela tinha pena da minha sensibilidade — eu chorava por qualquer coisa.

Na escola, a diretora reuniu todos, me tomou no colo e pediu silêncio e respeito. Entrei na sala com raiva de Júnior, mas tranquila. Tinha me esquecido do rosto pintado. Até que uma colega, sem compaixão, apontou e gritou: “Parece uma palhacinha de mercúrio”. As gargalhadas explodiram como um rojão. Gargalhadas guardadas, ansiosas para escapar. Corri para a diretoria. Não voltei para a sala. Uma prima veio me buscar, tentando acal-

mar minha crise de choro. Parecia que o mundo tivesse realmente terminado ali. Sempre foi assim, sentia mais que qualquer um. E chorava como ninguém.

Quando titia soube do ocorrido, foi taxativa: “Com Júnior, você não brinca mais”. E, obviamente, essa ordem só durou o tempo de as feridas sararem. Não me apartava de Júnior. E uma das piores perdas de minha infância foi perdê-lo como vizinho. Sofri muito quando ele se mudou para Manaíra. Até entender que não seria o bairro que iria nos afastar. Sofri. Mas, graças ao afeto, continuamos amigos, até hoje. Senti muito quando ele foi morar nos Estados Unidos. Senti falta, mas hoje sinto orgulho do homem que ele se tornou.

As lembranças são minhas norteadoras e sou boa no lembrar. Recordo como quem remexe uma velha caixa de papelão no sótão da memória. A vergonha do mercurocromo passou, as marcas daquele bendito remédio ainda colore alguma parte da minha infância. E Júnior... Júnior segue lá, nos dias mais barulhentos da lembrança, rindo alto, pulando da pilha de pedras, explodindo como só ele sabe.

Larissa Rodrigues é psicóloga clínica, psicanalista em formação e escritora. Autora do romance ‘O que as mulheres carregam nas bolsas’. Mora em João Pessoa (PB).



Para além do Sertão e do Saara, num **alguidar** em que cabem todos os **cantos**

Na obra, Jon Moreira pinçou canções para analisar algo tão plural como a música de Chico César em sua relação com a palavra

Adeildo Vieira

Especial para o Correio das Artes

Começo dizendo da importância de me entregar à alegria que tive ao ler o livro *O Sertão e o mundo nas margens do alguidar*, de Jon Moreira. Falo na minha condição de compositor que se esmera para usinar canções e que se faz fã daqueles artistas que incrustam a palavra no arcabouço de ritmos, melodias e harmonias, num cometimento poético imprescindível para quem se propõe a fazer uma arte engajada com a vida.

O autor presta um grande serviço à música brasileira quando escolhe um artista da dimensão de Chico César para fazer uma análise de sua obra, calcada na ciência, trazendo o olhar semiótico para dissecar suas canções e mostrar a profundidade do “alguidar” em que o compositor abraça do Sertão ao Saara, abrigando-se, ao mesmo tempo, na sombra histórica de mandacarus e baobás. Talvez com a missão de “ser tao” na aridez de Catolé do Rocha, no Sertão paraibano onde nasceu, Chico colheu, desde cedo, a poesia da mesma cena socioambiental que moldou as obras de Luiz Gonzaga e de Salif Keita, numa representação incontestável da gran-



deza do ser humano em sua resistência de viver. De fazer-nos entender como acolhe, com seu coração “catolaico”, a profusão cultural do universo paulistano à loca de pedra de Zabé.

Nesse exercício de análise, Jon levanta, já no início, a intrigante discussão que movimentou muitos teóricos sobre o que caracteriza a palavra escrita ou cantada. E mostra como Chico se faz paradigma para essa discussão ao produzir um amálgama de poesia a partir das substâncias contidas, ao mesmo tempo, na palavra e nos elementos que definem os fundamentos da música, entre melodias, ritmos e harmonias, sobretudo partindo do contexto em que tais códigos culturais são manipulados.

Esse livro traz a certeza de que um compositor capaz de flertar com a cultura de massa não pre-

cisa abandonar a poesia em suas canções. Passados 30 anos do lançamento do seu emblemático disco *Aos Vivos*, Chico César ainda brinca com a palavra como quem, ao mesmo tempo, dança nos reisados catoleenses e corre no “Senegal, montado num cavalo de pau”, conquistando, nesse universo lúdico e profundo, um público qualificado que se mantém fiel ao acompanhar sua obra. Nessa brincadeira, que revela sua genialidade, o artista localiza-se no tempo e no espaço para fazer sua exaltação à vida, mas também seus contundentes protestos contra as injustiças sociais e em favor das demais lutas que se mantêm urgentes através dos tempos.

Ciente de que nenhuma pesquisa, por mais extensa e profunda que seja, é capaz de esgotar as possibilidades do olhar sobre uma obra, Jon pinçou cinco canções para analisar algo tão plural como a música de Chico César em sua relação com a palavra. Ao se debruçar sobre as canções “Nato”, “Zabé”, “A Prosa Impúrpura do Caicó”, “Dança do Papangu” e “Folia de Príncipe”, o autor conseguiu, à luz da semiótica, identificar as ferramentas da poesia que esse Chico usa para, a partir do Sertão que lhe forjou, pintar as cores do mundo em seus cometimentos lítero-musicais. E nesse exercício, o compositor mostra ainda que se mantém fiel aos ensinamentos que trouxe do Jaguaribe Carne, grupo de agitação cultural da Paraíba que mergulha na tradição ao mesmo tempo em que exercita o experimental como uma ponta de lança, cujo propósito é espetar a mediocridade dos mercados de cultura em seu fazer predatório de inteligências.

Chico demonstra ter consciência de que não

tem como prescindir do político ao se produzir arte. Essa conclusão fica patente quando Jon Moreira identifica a forma como o compositor referencia cada letra de cada palavra a partir do contexto cultural que a define. Assim, são derrubadas as fronteiras que separam os povos, trazendo para a obra do artista o exercício pleno de que somos uma só nação planetária, num caleidoscópio exuberante que exalta a pluralidade que nos faz singulares nesta bola de infinitos tons de azul, percebida, segundo uma das canções de Chico, pelos Yuris Popov e Gagarin, onde cada qual, com a subjetividade de seu olhar, celebra a profusão desses azuis.

Os pontos levantados nesta pesquisa movimentam as ideias de quem ama a canção em profundidade. De quem bem a ouve ou de quem a produz. Mostra como Chico César sabe, com maestria, navegar as águas do pop surfando as ondas da poesia. Uma poesia exuberante e engajada que serve ao deleite dos românticos e dos mais aguerridos lutadores por um mundo mais justo e fraterno. As análises traçadas no livro, por vezes, se confundem com um manual de como se trabalhar a poesia na estrutura abissal das palavras, em seus contextos cobertos de significados.

Como compositor que sou, fã de Chico César e da música brasileira que se faz universal, confesso que, depois de ler este livro, corri para o violão para revisar canções, tanto minhas como as do próprio Chico. E que assim seja para todos que atravessarem o portal dessa leitura.

Adeildo Vieira é jornalista, compositor, músico e servidor do Departamento de Música da UFPB, autor de ‘Maestro Chiquito: o metalúrgico dos sons’ (Editora A União). É natural de Itabaiana (PB) e mora em João Pessoa (PB).



Imagem: Divulgação/Patua

Foto: Eduardo Brito/Divulgação



Analice Pereira
marianalice@hotmail.com



Respiro o ar daquele tempo e sonho¹

Conheci Flávio Barros há pelo menos três décadas. Ele e sua família, da qual me aproximei de forma tão afetiva que me marcou para sempre. E, para além do afeto, nossas conversas eram sempre entremeadas por assuntos literários. Dono de uma bela voz de locutor, Flávio passou pela Rádio BBC, em Londres, TV Paraíba, em Campina Grande. Mas ao longo dos anos, firmou-se como professor de inglês e, nesse projeto pedagógico de formar pessoas em língua inglesa e de prepará-las para as provas mais difíceis de proficiência, é admirado por todos os seus alunos e alunas. Eu também enveredei pelos estudos dessa língua com ele. Foi quando acessei, além do professor, o Flávio escritor, que também estuda música (violino) e é artista visual. A capa de *Microcosmos ficcionais*, sobre o qual falarei a seguir, é um óleo sobre cartão de sua autoria.

Da mesma forma que a vida nos aproximou, também nos

colocou em caminhos distintos. Veio a pandemia e, com ela, tudo o que já sabemos. Ou seja: se já não nos víamos ou mal nos falávamos, durante o período pandêmico, menos ainda. Até que, num certo dia, recebo na caixa de e-mails o livro intitulado *Microcosmos ficcionais*, de autoria de Flávio, seguido de um pedido de leitura. Isso foi, ainda, na pandemia. Eu já tinha lido, há anos, alguns textos soltos. Mas agora era diferente. Era uma obra finalizada e, inclusive, toda organizada. Li, gostei muito, trocamos algumas ideias e, quando ele decidiu publicar, convidou-me para prefaciá-lo e é, justamente, esse prefácio que apresento a seguir, acompanhado de um microconto do livro.

E por que estou fazendo isso agora? Porque, numa busca propositada na internet, encontrei o livro à venda na Amazon.com e no site *Clube dos Autores* (detalhe: *Microcosmos ficcionais* é uma edição do autor, logo, praticamente

sem divulgação e distribuição, tarefas que são, em tese, executadas por editoras e fundamentais para o mercado editorial). O ano de publicação é 2021, o que significa dizer que o contexto pandêmico impossibilitou, também, qualquer tipo de lançamento. Trata-se, portanto, de um livro publicado e não publicizado. Livro guardado em gavetas digitais/virtuais, à espera do acaso da curiosidade de algum leitor ou leitora.

Aproveito, então, o espaço desta coluna para agir, minimamente, na direção de que essa obra possa atingir o objetivo principal de qualquer livro: ser lido. Afinal, não há prêmio literário mais importante na vida de um escritor e de uma escritora do que a possibilidade da interlocução com aquele e aquela a quem sua obra, genuinamente, destina-se.

Do micro ao cosmo

É possível afirmar que o conto, em seu sentido genuíno,



Ilustração: Tônio

Ao intitulá-la "Microcosmos ficcionais", Barros provoca uma discussão sobre a forma literária que desenvolve em seu livro e conduz o leitor a ver o seu projeto artístico como uma forte presença de "inquietações acadêmicas", mesmo que ele tente negar

é uma forma de expressão tão antiga quase quanto o próprio ser humano, dada a necessidade universal e inata que ele tem de contar histórias, de fabular, de trocar experiências. Imaginemos que, nesse tempo de sua existência, a forma do conto passou por diversas transformações, mas manteve sua condição *sine qua non* da narratividade. Ou seja: em tese, quem escreve um conto conta uma história.

Em um dos seus argumentos sobre o narrador, como figura indispensável à narrativa, Walter Benjamin² já registrava, em 1936, o nascimento da *short story*, referenciando Paul Valéry, que diz que "o homem de hoje [início do século 20] não cultiva o que não pode ser abreviado". Reiterando a reflexão de Valéry, Benjamin afirma que "com efeito, o homem conseguiu abreviar até a narrativa".

Pensar o conto a partir da necessidade humana da fabulação, como forma de expressão muito antiga, e que essa forma vem se transformando conforme as condicionantes sociais e os seus processos de produção, pode constituir uma chave interessante para a leitura da obra de Flávio Barros, ora prefaciada.

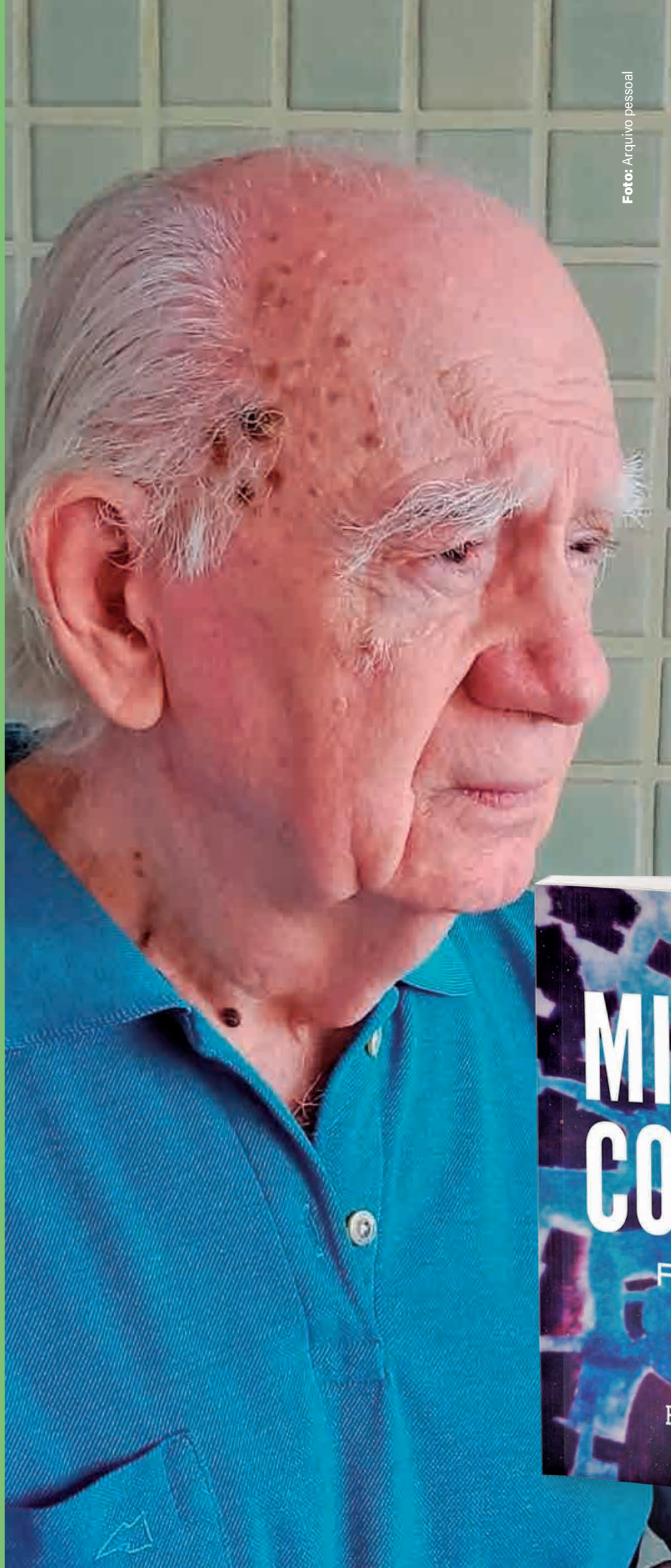
Ao intitulá-la *Microcosmos ficcionais*, Barros provoca uma discussão sobre a forma literária que desenvolve em seu livro e conduz o leitor a ver o seu projeto artístico como uma forte presença daquilo que ele tenta negar em seu texto de apresentação, quando diz que buscou se distanciar de "inquietações acadêmicas". O autor pode ter se distanciado, mas sua obra, a partir do título, provoca uma

¹ Uma frase dita de forma aleatória por Flávio Barros, durante um acaso;

² Benjamin, Walter. "O narrador". In: *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 206.

inquietação que podemos chamar de “acadêmica”, já que tem a ver com as teorias da literatura. Noutras palavras, o leitor poderá ver, nessa compilação de histórias curtíssimas, um meio de pensar sobre a forma do conto à qual os estudos acadêmicos têm atribuído diversos nomes, sendo “microconto” o mais comumente utilizado, e que essa mesma forma desenvolvida por Barros, por meio dos seus mecanismos estéticos, auxilia nessa discussão mais restrita aos estudos desenvolvidos especificamente nos cursos de Letras, da qual o autor deseja se esquivar. E tudo isso tem a ver com o título, pois, o que nele se coloca, já anuncia uma predisposição para a referida reflexão. Mas deixemos esse papel a quem cabe de fato, ou seja, ao crítico literário.

O que faz de um texto um conto? Sabe-se que não apenas a extensão. Outros elementos e aspectos demarcam esse limite onde cabe a produção contista, e o tamanho é apenas um deles. Porém quando falamos microconto, miniconto, ministória, narrativa curtíssima, nanoconto, ou como se queira em língua inglesa, *short story*, *short short story*, *sudden fiction*, *flash fiction*, *micro fiction*, e, ainda, em espanhol, *minificción*, *microcuento*, *microrrelato*, estamos nos referindo, inevitavelmente, à extensão. Então, o tamanho pode ser considerado o principal elemento caracterizador do microconto? Sim, mas não de forma isolada. O que podemos observar na obra de Barros, por exemplo, é que, para abreviar suas histórias à sua medula, ou seja, à sua essência, o autor lança mão de outros tantos artifícios literários e os configura a partir da condicionante da extensão, ou seja, da capacidade de con-



É possível interpretar a coletânea como uma obra composta por histórias curtíssimas, condensadas ao essencialíssimo, sem perder de vista toda uma paisagem que subjaz às tramas nem dispensar detalhes

Capa de "Microcosmos ficcionais" é um óleo sobre cartão de autoria do próprio escritor, Flávio Barros

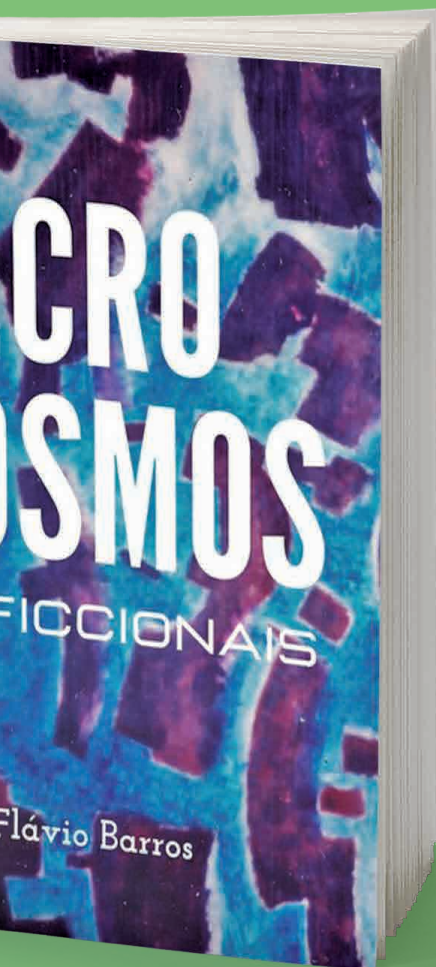


Imagem: Reprodução/Clube dos Autores

densação que tem de transformar o "menos" em "mais", e, assim, "nocautear o leitor", como diz Júlio Cortázar³, em seu importante estudo sobre o conto. É sobre esses artifícios que vamos falar um pouco.

A partir de um entendimento do título e da extensão como elemento caracterizador do conto, é possível interpretar *Microcosmos ficcionais* como uma obra composta por histórias curtíssimas, condensadas ao essencialíssimo, sem perder de vista toda uma paisagem que subjaz às tramas nem dispensar detalhes. São contos que trazem em sua constituição, em linhas gerais, três artifícios literários de extrema grandeza: a predominância do caráter narrativo, incluindo seus elementos essenciais (personagem, narrador, tempo, espaço, enredo), e sobrelevando a figura do narrador e seus focos e pontos de vista narrativo; as temáticas, apresentadas no livro de forma seccionada; e uma forte atmosfera de suspensão, que faz dos finais das histórias algo surpreendente, dado o tom um tanto enigmático que promove. Vejamos de forma mais esmiuçada cada um deles.

Se os contos de Flávio Barros são concebidos a partir de uma ordem específica da narrativa, é possível inferir que este caráter é predominante, mas não exclusivo, haja vista, também, que perpassa por muitas de suas histórias uma postura reflexivo-existencial, configurando-se, assim, como um elemento estético perfeitamente adequado à temática mais ampla a que toda a obra se integra. Noutras palavras,

as histórias podem ser assim denominadas, porque prevalece a narrativa e, também porque, mesmo naquelas que se mostram menos predominantes nesse sentido, a narrativa ainda se apresenta como traço essencial. Cada um dos procedimentos (mais narrativo e mais reflexivo) se deve, em muita medida, ao tema que o conto desenvolve e/ou à temática a que o conto está relacionado. Por exemplo: as seções "Do haver", "Da luta", "Do amor" e "Das memórias" reúnem contos que apresentam, em sua essência, enredos que envolvem personagens e suas ações, diferentemente, das seções "Da esperança", "Do sonho", "Do universo", que colocam esses mesmos personagens num lugar mais reflexivo e trazem para o centro da cena seus conflitos existenciais, suas angústias, seus dramas, seus dilemas. Vejamos como exemplo, para o primeiro grupo de seções, o conto *Sonho apócrifo*; e, para o segundo, *Tapete mágico*.

Um outro artifício literário interessantíssimo envolve a diagramação e o processo de organização do livro pelo autor. Dividida em sete seções, a obra desperta para uma leitura em que este número, carregado de significados simbólicos, pode ser interpretado como um elemento de causalidade que orienta o autor na ordenação do tema maior a que todas as histórias estão ligadas: o universo/cosmo. Se lemos/pensamos "microcosmos", inevitavelmente lemos/pensamos "cosmo". E aqui o leitor poderá observar que, se cada parte/conto (microcosmo)

³ Cortázar, Júlio. "Alguns aspectos do conto". In: *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arriguicci Jr. e João Alexandre Barbosa. Org. Haroldo de Campos e Davi Arriguicci Jr. São Paulo: Perspectiva, 2008.

“A duração das histórias, por exemplo, é representada, não por um tempo físico, que pode ser mensurado em unidades de segundos, minutos, horas, dias etc., mas por um tempo que fica suspenso, como uma cena registrada em uma fotografia, em um quadro”

faz parte de um todo (cosmo), as histórias podem ser lidas como *flashes*, *frames*, instantes etc. de uma vida em seu ciclo completo. Para compreendermos dessa maneira, basta observarmos que o livro abre com o personagem eu-menino, em *A Carabina*, e fecha com um personagem ele-idoso, dolorido de uma artrite reumática e à espera da morte, em *Cósmico*. Recorrer a Jean Chevalier⁴ parece interessante aqui porque, dentre os significados para a simbologia do número sete, ele apresenta um que nos auxilia na interpretação da obra de Barros: “O número sete é o símbolo universal de uma totalidade, mas de uma totalidade em movimento ou de um dinamismo total”. A forma dada a *Microcosmos ficcionais* nos leva a compreender que essa totalidade em movimento

é, justamente, a batuta que rege essa orquestração de vozes que se alternam entre “eu” e “ele” narrativos para darem conta da dança do universo, que inclui o ciclo da vida.

E quanto ao terceiro artifício literário, interessa notar que a cada microconto/microcosmo apresentado no livro, e independente da seção a que faz parte, o leitor poderá se deparar com uma atmosfera de suspensão, que circunscreve a configuração do tempo narrativo como traço do estilo de Barros. Ora, se a categoria do espaço narrativo é regida pelo princípio estético do essencialíssimo, dado o tamanho dos textos, com a categoria do tempo não poderia ser diferente. Por isso, as histórias terminam da forma que começam, ou seja, no tempo demarcado de um *frame*. A duração das histórias, por exemplo, é representada, não por um tempo físico, que pode ser mensurado em unidades de segundos, minutos, horas, dias etc., mas por um tempo que fica suspenso, como uma cena registrada em uma fotografia, em um quadro.

Além desses aspectos, as histórias de Barros apresentam um humor tão velado, que quase nos passa despercebido. Esse humor latente, a meu ver, é um meio de nos levar à experiência artística da visão do todo (o ciclo completo da vida) pelas partes (os instantes representados nos contos) e vice-versa, e, assim, sentirmo-nos, diante da imensidão do universo, minúsculos seres a rirmos de nós mesmos. O que auxilia na configuração desse humor

sutil é a erudição apresentada, por exemplo, nas referências à arte em seus vários segmentos: música, pintura, cinema e a própria literatura.

Em suma, *Microcosmos ficcionais* é uma obra constituída de pequenas histórias em seu tamanho, porém imensas em suas dimensões narrativo-reflexivas e isso se deve aos procedimentos literários de que Flávio Barros lança mão para expressar o que ele chama de “questionáveis reflexões pessoais sobre o enigma do viver”.

A Carabina

A tarde na fazenda expunha o mormaço do verão. Eu, menino, movido pelo desejo de aventura, acompanho meu tio à caça de um carcará que pegara um de nossos cabritos. Meu tio foi ao quarto e abriu o velho baú de cedro onde guardava uma carabina Winchester. Um cheiro nauseoso de naftalina subiu do baú. A carabina repousava sobre alguns objetos: caixas de munição, um casaco de couro, duas cartucheiras, cintos, revistas e uma profusão de fotos de gente, de bichos, de automóveis e motocicletas. Muitas vezes, às escondidas, trespassei os limites do quarto para abrir o baú e acariciar aquele artefato letal. Porém quando o vi sendo municiado, temi pela vida do carcará. A tarde já era quase poente quando encontramos a ave empoleirada no alto de um mandacaru. Meu tio parou no meio da trilha, levou o rifle ao ombro, mirou, respirou fundo. Do meio da mata seca ressoou um som de trovão.

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do IFPB. Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

⁴ **Chevalier, Jean.** *Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Trad. Vera da Costa e Silva [et. al.]. 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001, p. 826.

Ora, direis...

Alessio Toni

Especial para o *Correio das Artes*

A William Costa

Se era, era. Era uma vez um menino que, sem pressa, todas as noites, olhava o céu e brincava com o Cruzeiro do Sul, cintilando e resplandecendo brasileiro e nordestino sobre a varanda de sua casa.

O menino se sentia tão feliz e recompensado que, no dia seguinte, contava e recontava essa história a seus colegas, no recreio escolar. Chegou até na prova bimestral de matemática a responder com estrelas a conversão de uma equação de 2º grau, fato que o conduziu a um zero, seguido de uma enfiada careta da professora e do apelido “Cabeça de Lua”, pelos colegas.

O menino não desanimou. Percebia em cada algarismo, em cada letra lúdicas entrelinhas. E criou com arguidez

videogames, surpreendendo leitores, mestres, cientistas, adotados em todas as escolas públicas e particulares do país: O Ábaco Estela — lotado de planetas, sóis, luas, cometas e constelações. Todos se divertiam com a Estrelinha Polar “fazendo um pipi de prata no

atlântico penico”*, e ficavam sérios com a seguinte advertência: “A nenhuma estrela chamarás de Aldebarã”*.

Foi premiado pela Sociedade Brasileira de Progresso à Ciência (SBPC), o que lhe rendeu renome, venda do projeto à Finlândia, sustento à família e amparo aos sem-teto, moradores estelares das ruas.

Na Academia Brasileira de Letras (ABL), foi aplaudido de pé, ao proferir em seu imortal discurso: — “Ora direis ouvir estrelas”*.

Virou cidadão, virou escritor. Casou com uma moça estudiosa do vernáculo, cujo nome iniciava com “Z”, terminava com “A”, e gostava de pinha. Tiveram três filhas, as Três Marias.

Já velhinho, aos 84 anos e sem pressa, ria bastante, contava histórias e chorava quando sonhava com bolhinhas de sabão.



Arte: Bruno Chiossi

(*) Citações dos poetas Vinícius de Moraes, Olavo Bilac e do cronista Rubem Braga.

Alessio Toni é graduado em Letras pela UFPB, dirigiu vários espetáculos teatrais e lançou diversos livros.



Entre o sagrado e o obsceno, as feridas e a cura

Em sua estreia literária com “O corte que desafia a lâmina”, Antonio Arruda transforma traumas em linguagem e propõe uma estética da cicatriz

Ana Ferrari

Especial para o Correio das Artes

Foto: Divulgação/Com.tato

Antes de enveredar pela literatura, o jornalista e educador é um premiado roteirista de projetos audiovisuais, como 'Cidade Invisível' (Netflix)

Em sua obra de estreia na literatura, Antonio Arruda cria um inventário poético e visceral. Com estrutura híbrida entre ficção e autobiografia, *O corte que desafia a lâmina* (Editora Cachalote, 132 páginas) apresenta-se como uma coletânea de narrativas que oscilam entre o íntimo e o simbólico, o real e o alegórico, o profano e o sagrado, costuradas por uma estética do enfrentamento, com textos curtos que mergulham na pulsão entre vida e morte, desejo e repressão, corpo e rito — e transformam experiências extremas em linguagem de resistência e ressignificação.

Antonio Arruda é um roteirista consagrado, tendo feito parte de projetos premiados como o programa *Era Uma Vez no Quintal*, da TV Cultura (Vencedor do prêmio APCA em 2014) e das duas temporadas da série da Netflix, *Cidade Invisível* (indicada ao ABRA em 2022). É também jornalista, tendo trabalhado em veículos como a *Folha de S.Paulo*; educador e mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP.

■ **Por que você escolheu tratar os temas presentes na sua obra?**

Porque eles me atravessam. Na vida e na escrita. Certa vez, entrevistei o poeta e escritor Roberto Piva. Duas frases dele me marcaram e as carrego até hoje comigo: “Não acredito em poeta de gaveta. Só acredito em poesia que nasça da vida” e “A poesia é um salto no escuro da vida”. O adoecimento do meu pai, o câncer que o carcomeu, sua morte, eu vivenciando tudo aos 12, 13, 14 anos. Descobrir o desejo, a sexualidade, ao mesmo tempo em que convivia com o apodrecimento, a perda, a ausência. A carne em seu estado de fogo e decomposição. Talvez tenha sido essa experiência a que disparou meu movimento pela escrita deste livro. No entanto, tais temas me percorrem faz tempo. Muito antes desse trauma. Nunca me senti impactado por uma literatura que não se apresentasse como um enfrentamento das questões existenciais mais profundas. Os temas da morte, do erotismo e do místico sempre estiveram presentes.

■ **Pode nos contar um pouco mais sobre o que te levou a escrever este livro?**

O que me levou a escrever este livro — não o primeiro escrito, mas o primeiro a ser publicado —, foi a necessidade de transformar em ficção dores reais. Agudas. Cortes da vida, da existência. E o mais profundo deles talvez tenha sido, como mencionei, o processo de adoecimento e morte de meu pai. Ele fez uma laringectomia que extirpou parte de seus órgãos. Perdeu a fala. Ficou mudo por um tempo, até que

aprendeu a falar: voz esofágica. Quando pensei que é do silenciamento do pai que nasce a voz poética do filho, quando acessei o percurso do corte à cicatriz e o vi como possibilidade de investigação estética, disse a mim mesmo: pronto, está aí a cena, a ação, o acontecimento fundante, a premissa do meu livro.

■ **Como foi o processo de escrita do livro? Foi a partir do primeiro, que justamente, como você disse, marca a cena fundante do seu livro, que os demais surgiram?**

Embora seja o conto que abre o livro, *Em nome do filho* não foi o primeiro a ser escrito, mas sim *A revelação*. Nele, senti a dor e a violência que eu queria acessar, o mergulho no corte. O diálogo com a possibilidade de redenção, de trans-

Com estrutura híbrida entre ficção e autobiografia, obra é uma coletânea de narrativas que oscilam entre o íntimo e o simbólico, o real e o alegórico, o profano e o sagrado, costuradas por uma estética do enfrentamento

Imagem: Divulgação/Cachalote

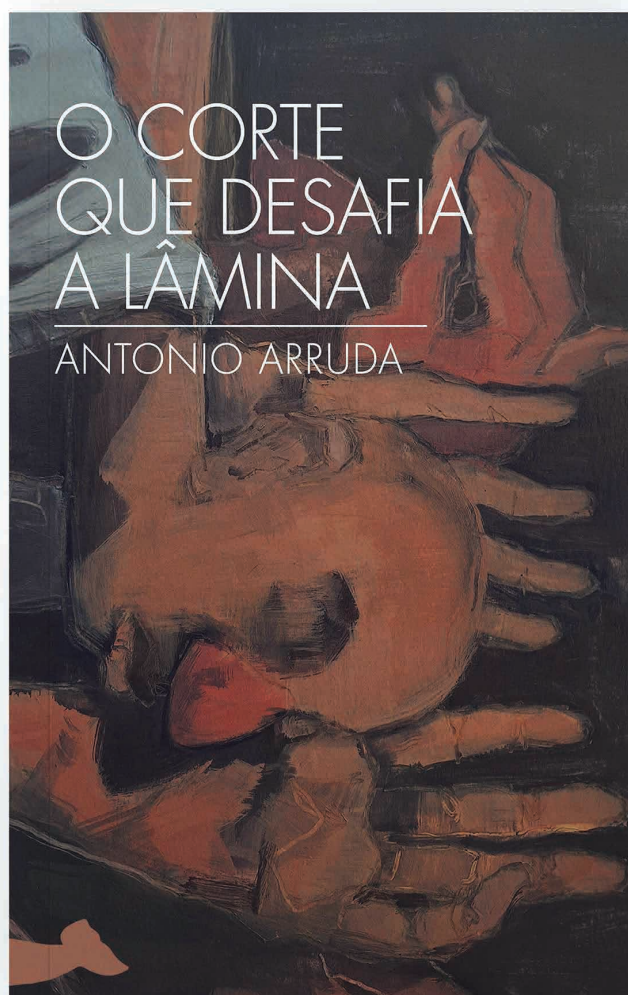




Foto: Reprodução/Editorial Pre-Textos

Escritor francês Georges Bataille (à esq.) foi uma inspiração direta para o livro; na página ao lado, uma cena do filme 'Querelle' (1982), dirigido por Rainer Werner Fassbinder e inspirado no livro de Jean Genet

mutação, mas que nunca chega por completo. Quase chega, e por isso o fazer literário se mantém vivo. Depois deste mergulho, compreendi o trajeto que deveria seguir: cada texto teria um acontecido inaudito de dor aguda. No corpo. E um percurso em direção ao epifânico, ao anímico — mas nem sempre realizável. E as histórias, os personagens, as imagens, as sensações, as filosofias foram surgindo. Em grande medida, o livro surgiu durante a oficina literária *Ocultismo, Delírio e Cosmos*, da poeta Isadora Krieger, uma amiga amada. Foram três anos de trabalho, junto a pessoas incríveis, de uma sensibilidade ímpar, cujos olhares e palavras fizeram toda a diferença. Na oficina, compartilhamos textos, lemos, comentamos, analisamos... Foi mágico. Profundo.

■ **Onde entra a questão de transformar o corte em linguagem? Como foi feito?**

Após todo o processo que descrevi, houve o momento em que precisei silenciar.

Ficar só. Eu e os textos. Para ouvi-los. Foi então que a lâmina-palavra começou a cortar o livro-corpo. Cada texto foi ganhando formas criadas pela lâmina-palavra, literalmente. E o conto virou poema que virou aforismo que virou ensaio — essas camadas todas entrelaçadas. O que eu busquei foi olhar de verdade para o percurso do corte à cicatriz. Atravessar as camadas. Era como se eu conseguisse sentir o movimento da navalha-palavra riscando a pele da página e virando texto.

■ **Como o homoerotismo se manifesta na sua escrita? Que papel a ambivalência entre desejo e impossibilidade desempenha na construção das suas narrativas?**

Por ser *gay*, e por ter me assumido cedo, aos 17 anos, o homoerotismo muitas vezes se apresentou como elemento da minha escrita. E como ser *gay* e vivenciar a sexualidade envolve o que chamo de castração diária de pequenos prazeres, o confli-

to, o confronto entre desejo e a impossibilidade de vivê-lo plenamente fez-se mote em minha escrita. Há uma tensão aí que me interessa, instiga. Não consigo deixar de mergulhar em processos que não sejam atravessados por essa dualidade, por essa ambivalência.

■ **Há também forte presença do aspecto religioso e espiritual na obra. O que te motivou a adicionar esses aspectos à sua obra?**

O mítico, o místico, o espiritual me constituem como sujeito. Desde os sete anos vivencio com intensidade a umbanda e as religiões de matriz africana. Depois de trinta anos frequentando o mesmo terreiro, com o falecimento do meu pai de santo eu mesmo me vi impelido e convidado a seguir a caminhada espiritual. Por isso, faz doze anos que estou à frente de um terreiro, como sacerdote. Menciono isso, não só porque no livro a figura de Exu e o "*SignifiCaos*" que ele instaura na nossa existência



Foto: Reprodução/Gaumont

se fazem presentes, mas porque, para mim, palavra é movimento que se forma a partir das encruzilhadas criativas. E, com isso, quero dizer que no centro da encruza está um eu em constante questionamento de si, e, em cada estrada que constitui esta encruzilhada a partir deste centro, as possibilidades de enfrentamento da/na vida daquilo que nos convoca à incessante transformação. E não há transformação sem que se mergulhe no “inconsciente”.

■ **Você é roteirista e tem forte ligação com o audiovisual. Como essa área influenciou o seu processo criativo e a sua escrita?**

Lembro-me, eu devia ter uns 13 anos, por aí, de ter pegado na vídeo locadora — com o frio no estômago de quem poderia ser descoberto! — *Querelle*, do Fassbinder, filme inspirado no livro homônimo de Jean Genet. À noite, sozinho na sala, coração disparado, assistia a este que é um dos filmes da minha

vida, com medo de que a mãe ou o pai descessem e me pegassem “no flagra”. Lembro da excitação, do deslumbramento, do estado de espanto ao ver aquelas imagens. Ali, a tensão entre eros e tânatos, o poético das imagens, aqueles homens todos e a relação entre prazer e dor, tesão, desejo, violência... Por que aquilo me intrigava tanto? O que movia dentro de mim? Começo falando de *Querelle* para dizer que foi o cinema, talvez, minha primeira fonte de contato com o literário e o poético. Afinal, a literatura não está apenas nos livros; que dirá o poético! Difícil ser sucinto aqui... O cinema sempre foi uma grande paixão... Nem sei se consigo dar conta de citar os diretores que me marcam/marcaram: o já mencionado Fassbinder, Fellini, Antonioni, Visconti (quando vi *Rocco e seus irmãos* falei, “meu Deus, o que é isso?”), Pasolini, Godard, Cronenberg (monstro!), Wim Wenders, Almodóvar, Glauber Rocha,

Rogério Sganzerla, Walter Hugo Cury... Certeza de que me esqueci de alguém. Fato é que o cinema é e sempre será fonte inesgotável para a minha escrita, para meus processos criativos.

■ **E quem te inspira nos outros meios artísticos? Da literatura e das artes plásticas, por exemplo.**

Muito difícil também delimitar minhas principais influências literárias. Lembro-me do assombro ao conhecer Clarice Lispector, ainda na adolescência, através do livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Assombroso também foi conhecer a Beat Generation, principalmente Ginsberg, e Baudelaire. Guimarães Rosa (escritor que escolhi para meu mestrado, sobre o gigantesco *Grande Sertão: Veredas*). Kafka — ousa dizer, o maior escritor de todos os tempos. Thomas Mann. Dostoiévski. Tchekhov. Machado de Assis. Lorca, ah, Lorca! Drummond, Bandeira, Hilda Hilst, João Cabral, Fernando Pessoa...

“Esse livro representa o mergulho vital em dores profundas. Minhas, dos outros, dores da existência mesmo. E, sim, me transformou muito. Foi um processo de cura”

Os simbolistas, influência muito marcante... Das artes plásticas, preciso citar a tríade Picasso, Van Gogh e Francis Bacon, meus pintores favoritos, cuja estética (e biografia), principalmente deste último, influenciou diretamente o processo de escrita de *O corte que desafia a lâmina*.

■ **Certo, e quais são as influências diretas na escrita de *O corte que desafia a lâmina*?**

Algo no mínimo curioso aconteceu durante a oficina Ocultismo, Delírio e Cosmos, quando a poeta Isadora Krieger e o psicanalista Bruno Leal disseram: “Antonio, você já leu Bataille?” Conhecia-o, mas nunca o tinha lido. Comecei por *A história do olho*, mas foi quando li *O culpado* que fiquei abismado ao ver o quanto a minha escrita dialogava com aquela obra, no sentido de que a investigação estética que eu propunha, do corte à cicatriz, estava estreitamente conectada à de Bataille. Tanto que a epígrafe de *O corte que desafia a lâmina* é um trecho de *O culpado*. Quando eu li: “Abro os olhos para um mundo onde só tenho sentido ferido, dilacerado, sacrificado, onde a divindade, do mesmo modo, não é senão dilaceramento, execução, sacrifício. [...] Cruelmente, esgarçou o rasgão: nesse momento, atinjo o ponto de êxtase. A compaixão, a dor e o êxtase se combina” — quando li isso, pensei: sim, o sujeito que atravessa a minha obra é batailleantoniônico (como menciono em um trecho do livro). Preciso também citar *Os cantos de Maldoror*, de Lautréamont; Ginsberg, notadamente o do poema *Kaddish*; Kafka e seu estranhamento mais profundo diante do co-

tidiano, para quem o real é monstruoso; e, de modo mais lateral, Freud.

■ **Você mencionou que não acredita em literatura que não enfrente questões existenciais profundas. Sendo assim, quais as principais mensagens que o livro transmite ao leitor? Quais questionamentos tende a gerar?**

Que não há como fugir de nossas dores, de nossos traumas. Que vamos nos deparar com muitos cortes no decorrer da vida. Perdas. Lutos. E que acessar este espaço é, talvez, a única forma de se conhecer de verdade. E de construir uma possibilidade de cura. Penso, também, que o livro convida o leitor a acessar diversas violências e abusos — contra a mulher, contra os homossexuais, contra a liberdade de ser e estar, de um modo geral. Com isso, propõe a reflexão: o quanto é possível resignificar a existência a partir do atravessamento de si? Quais violências me afetam diretamente, quais são contra o outro, mas, também, minhas? O quanto se faz necessário pensar sobre um mundo em que uma transmutação possível só existe quando eu acesso dores coletivas?

■ **Escrever o livro te transformou de alguma forma? Qual foi o impacto?**

Com certeza. Esse livro representa o mergulho vital em dores profundas. Minhas, dos outros, dores da existência mesmo. E, sim, me transformou muito. Foi um processo de cura. Foram três anos mergulhados em sentimentos muito densos. Há uma intensidade no livro e em seu processo de escrita que não existe a menor possibilidade de não ter sido transformado por ele.

A própria descoberta desta lâmina-palavra me transformou. Transformou minha escrita. O modo como me relaciono com minha escrita. Sinto que a estética da cicatriz sempre me atravessou. Mas agora, com este livro, é como se a sua materialização de fato tivesse acontecido.

■ **O que o lançamento de *O corte que desafia a lâmina* representa para você? Você tem uma carreira consagrada em outras áreas, mas o que significa se tornar, também, um escritor literário?**

Representa a realização de um sonho. Sempre quis ser escritor. A vida toda. Passei pelo jornalismo, pela docência, pelo audiovisual, mas o que no fundo sempre desejei foi escrever um livro. Não que tenha deixado de lado essas outras formas de me relacionar com a palavra, com a escrita. Continuo com projetos de séries e longas; permaneço na área de educação; retomei, no meu perfil literário, a escrita de resenhas sobre livros. Mas é que a publicação de *O corte que desafia a lâmina* representa algo que vislumbro desde os meus nove anos, mais ou menos. Consigo lembrar da sensação de criar histórias, de pensar em personagens, de “brincar” com a palavra. Essa sensação percorreu minha vida toda. Então, ver materializado meu sonho é uma alegria imensa!

Ana Ferrari é uma jornalista formada pela Faculdade Cásper Líbero e pós-graduanda em Edição e Gestão Editorial pelo Núcleo de Estratégias e Políticas Editoriais (Nespe). Sempre teve forte ligação com a literatura e às vezes se aventura a escrever textos ficcionais.

Em grande medida, 'O corte que desafia a lâmina' surgiu durante a oficina literária Ocultismo, Delírio e Cosmos, da poeta e amiga Isadora Krieger

Foto: Ccarolina Krieger/Divulgação



Poema de

Carlos Alberto Pereira da Silva

A Peça

*Quase sem querer a vida acontece
Segue um rumo leste-oeste
E procuramos nos achar
Usando a bússola da invenção*

*Quase sem querer o sino toca
O palco se abre em cortinas vermelhas
E os artistas invadem o tablado
Usando sua arte de representação*

*Quero que o tempo pare
Quero que o coração sinta
Quero que os lábios se abram
Boquiabertos pelo brilho
Dos artistas em cena*

*O espetáculo está ali.
Hoje, agora, ouça e fique atenta
Se esqueça por alguns minutos
Das verdades e convenções*

*E se a vida imita a arte
Para que se preocupar
Apenas abra o sorriso e choro
E deixe os atos seu coração tocar*

*Quase sem querer a peça termina
Os refletores se apagam
Uma mesura, um aplauso
Assim essa peça da vida termina*

Ilustração: Débora Borges

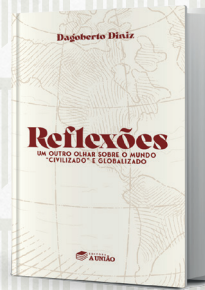
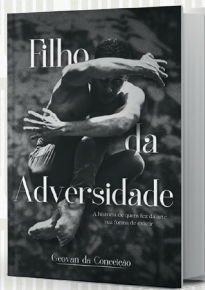
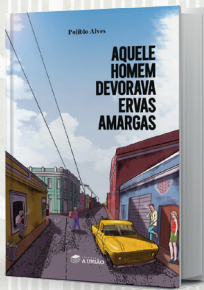
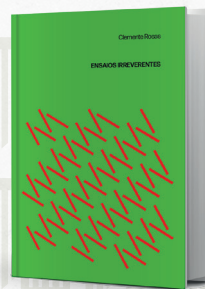


Carlos Alberto Pereira da Silva é escritor e divulgador científico. O poema 'A Peça' é parte da série 'Spectaculum'.



Livros, o melhor presente de natal.

Sugestões da Livraria A União
para presentear quem você mais ama :



M K T E P C

A vida
acontece
com
o Sesc

A vida **acontece**
com educação,
saúde, cultura,
lazer e assistência.

Sesc

Fecomércio
Senac